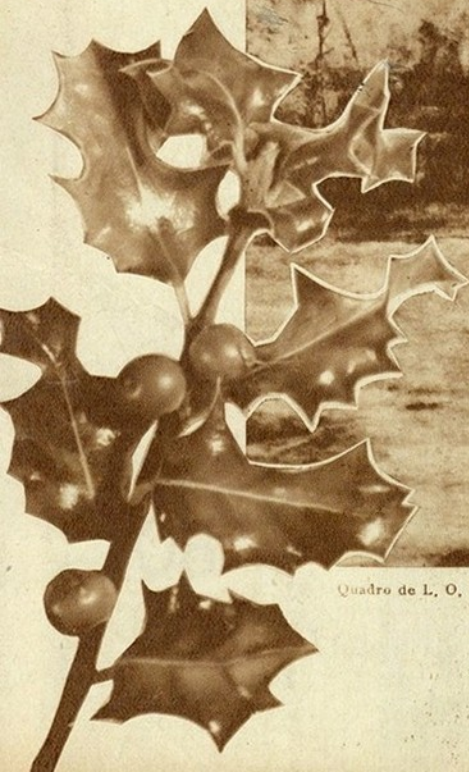
Quadro de L. O. MERSON

A chegada a Belém. «Não havia lugar para êles na estalagem.» (Lucas II-7)

Obra das Mães pela Educaçao Nacional
"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"
Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada - Lisboa
Assinatura ao ano 12$00 Escudos — Número avulso 1$00 Escudo

SUMÁRIO

NATAL 1945

Glória in excélsis Deo

N.º 80

Foto: PURRINGTON

PEREGRINO ETERNO

Josefa de Obidos — *Menino Jesus romeiro*

PEREGRINO das almas, que nunca abandona, nem mesmo quando as almas o supõem ausente, Jesus acompanhou dois outros peregrinos que de Jerusalém se dirigiam a Emaús, com o coração ferido de desilusão e envolto em dôr, pela tragédia sangrenta do Calvário que, a seus olhos, fôra o remate escandaloso duma aventura triunfal de esperanças.

O Mestre, sem ser reconhecido, ensinou aos discípulos desalentados os mistérios sagrados da Escritura, segundo os quais o Messias devía sofrer e morrer, para em seguida ressuscitar, glorioso e imortal.

O divino Peregrino de Emaús é uma presença eterna. É peregrinação de luz a incarnação do Verbo. Por ela veio o Verbo ao mundo, para que os homens se reconciliassem com o Pai.

Em peregrinação sagrada foi levado ao Templo para cumprir as prescrições da Lei.

Peregrinação dolorosa foi a fuga para o Egito, no colo de Maria, para evitar o louco furor de Herodes.

Nazaré representa a fadigosa peregrinação do trabalho, que é fonte de paz e de alegria.

Nas jornadas laboriosas e heróicas do apostolado ardente, que iluminava os espíritos e aquecia os corações, Jesus continuou a peregrinar pela salvação dos homens.

Atormentada e dramática foi a peregrinação pelos tribunais religiosos e civis, até à monstruosa condenação no pretório de Pilatos.

E, do pretório ao Calvário, foi de sangue, e de lágrimas, e de dôr cruel a peregrinação que a piedade cristã denominou de *via crucis*.

Morreu, ressuscitou, subiu ao céu, mas a peregrinação continua. O Peregrino está presente na graça que inflama os corações, o Peregrino percorre as almas no Sacramento de luz, que a sua inteligência infinita concebeu e o seu poder sem limites prodigiosamente realizou.

Porque não cessa o seu amor, também não acaba a sua peregrinação.

Não temos nós necessidade de dizer-lhe, como os discípulos de Emaús: "ficai connosco, Senhor, porque anoitece". Sabemos, de facto, que Êle está sempre em nossa companhia: nos momentos fugazes de alegria, nas horas torvas de sofrimento, na idade incandescente da juventude, no triste pôr do sol da vida.

O Peregrino eterno está connosco. Mas estaremos nós com o Peregrino, para a jornada definitiva da existência, que pode concluir-se nos esplendores da glória, ou no mistério arrepiante das trevas?

† *Manuel, Bispo de Helenópole*

MARIA LISZCZYNSKA (Rainha de França) — Quadro de Nattier

RAPARIGAS DE ONTEM MULHERES DE SEMPRE

O NATAL DA RAINHA

MIL setecentos e quatro; na Polónia. No Palácio Real era grande a confusão. Cada qual procurava fugir, levando consigo o que tinha de mais precioso. O país — a segunda potência europeia, da época, quanto a extensão, via-se agora invadida por Suecos e Russos; êle que dissera aos Turcos: «Para traz! O solo da Polónia, não serve para vosso acampamento!», salvando assim o ocidente dos novos Barbaros.

Mas a guerra viera, agora pelo Norte. Augusto II, o rei vencido, voltava a lutar pelo trono onde Estanislau Leszczynski se sentara havia pouco.

O país estava em armas e no Palácio ninguém se entendia. El-rei mandara que a sua família e comitiva se retirassem para a Posnania.

O desmantelado cortejo partiu em tropel, deixando, atrás de si, salas desertas, cofres abertos, e numa das cavalariças, dentro duma mangedoira, uma criança de doze mêses, dormindo, indiferente à solidão que a rodeava.

Quem era? Nada mais, nada menos que Maria Catarina Sofia Felicidade, a princesa real, a filha do próprio Estanislau Leszczynski e de sua mulher Catarina Opalinska. A infanta era tão mansa e socegada que para ali ficara sem um grito denunciador da sua presença.

O alarme durou pouco; a côrte voltou de novo ao palácio e a princesinha foi achada.

Mas oito anos mais tarde, Estanislau foi destronado definitivamente, e teve de procurar refúgio para si e para os seus no exílio. Percorreu a Suécia e a Turquia, até ir fixar-se definitivamente em França, em Wissemburgo, onde a pequena Maria terminou a sua esmerada educação.

A princesa, baixinha e trigueira, não era formosa de corpo, mas possuia aquela beleza de alma, tão difícil de encontrar. O infortúnio da família e da pátria tinham-lhe ensinado como se sofre em silêncio. Maria não era exuberante, mas possuia essa alegria interior, que faz olhar com simpatia tudo o que nos rodeia. Aprendera, por experiência própria, o que é o sofrimento, por isso nunca humilhava ninguém, ela que comia o pão dos refugiados, regado pelas lágrimas da saúdade da pátria.

E os anos foram passando. Maria tornou-se mulher, cheia de bom senso, prudência e singelesa. Os pais anteviam o futuro da filha, tanto mais que a salvação parecia estar apenas na escolha de um genro rico. Mas quem se lembraria da exilada de Wissemburgo?

A história da Bela Adormecida não voltaria a realizar-se no século da Filosofia e do Enciclopedismo. Já não havia Principes paladinos como outrora.

E porque não?!

* * *

Uma tarde de Agôsto de 1725 chegou à residência dos exilados de Wissemburgo, um visitante ilustre: S. Excelência o Duque de Bourbon, o próprio primeiro ministro do Reino.

Maria e sua mãe costuravam na salinha de trabalho, quando Estanislau, entrando de súbito, ordenou: «Ajoelhemo-nos e demos graças a Deus. Acaba de visitar-nos o Duque de Bourbon e...

— «... e Vossa Majestade, volta de novo a reinar na nossa querida Polónia?! interrogou Maria com voz calma.

— Não filha! A rainha sois Vós... mas da França.»

Maria, baixou os olhos, ajoelhou-se e orou. Que teria dito a Deus aquêle coração sempre submisso?

O casamento realizou-se daí a dias, a 5 de Setembro, na Capela Real do Palácio de Fontainebleau.

Embora o enlace tivesse sido ditado por razões politicas, o jovem Luis XV, o «Bem Amado» apaixonou-se loucamente pela mulher e durante treze anos não houve casal mais feliz.

Maria esqueceu todos os sofrimentos da infancia: o exílio, as privações, para só se recordar da sua felicidade de agora.

A côrte delirava com a nova rainha, que lhe trazia recordações de paragens distantes. Os patins e os trenós tornaram-se o enlêvo da frivola sociedade que os rodeava. Os reis, embrulhados em ricos mantos de arminho, patinavam nos lagos gelados de Versailles, e tôda a côrte os aplaudia, imitando-os. Luis, sentia-se feliz, ao lado daquela dôce companheira, tão leal, tão amiga, sempre amável, sempre pronta a aconselhar. Foram nascendo filhos, e a vida era sempre risonha até que...

* * *

A França debatia-se em terrivel crise económica. O povo amava o rei, mas detestava aquêles que hipócritamente cegavam o Monarca e o exploravam. O Herário estava desfalcado, e a côrte continuava a divertir-se estragando sem conto.

Maria Liszczynska entendeu que o bem estar do povo estava acima da sua felicidade pessoal. «Os reis são escravos e os súbditos são livres», disse consigo mesma, e falou ao marido nêstes termos: «Os bens do Estado não são os nossos bens. Não nos é permitido desperdiçar o que custa ao pobre o seu suor... Mais nos vale escutar os que nos gritam de longe: «Olha a minha miséria», do que aqueles que nos segredam ao ouvido: Aumenta-me a fortuna!»

A côrte, porém, declarou guerra a tal soberana e às suas ideias de reforma administrativa. Maria preparou-se para a luta, com as suas armas de sempre: a paciência e o silêncio. E assim assistiu à mais dolorosa das humilhações — a Intriga — que lhe roubava o amor do marido. Ela, que nunca fizera chorar ninguém, preferia sofrer calada, a saber que os subditos eram explorados por sua causa. El-Rei, porém, mal aconselhado, entregou-se a uma vida de loucuras e prazeres, que perversos cortesãos lhe sugeriam.

* * *

Véspera de Natal de 1738. No Palácio era grande a confusão. Cada qual procurava o melhor lugar para assistir na Capela Real às três Missas do costume.

E depois? Quem venceria?

A Intriga segredava mil insinuações.

El-Rei, de há tempo afastado da Rainha, pela sua vida desregrada, declara que cearia com Ela, nos seus aposentos... e a intriga da côrte o que dizia?!!

* * *

Findara a cerimónia religiosa na Capela, e a Rainha dirigiu-se à pressa para os seus Aposentos. O seu coração de esposa e dona de casa mandava-a vigiar para que tudo corresse o melhor possivel... Enquanto as aias lhe compunham o trajo de recepção. Maria informava-se se a ceia estava pronta, os vinhos e licores nas bandejas, e o Mestre de cerimónias a tudo atendia prontamente.

As portas abriram-se. Os convidados entraram. A música principiou. As salas regorgitavam de grandes senhores e nobres damas, penteados caprichosos, jóias, setins, damascos e brocados. A rainha entrou, vestida de branco e prata; rodearam-na as aias e os ministros.

E El-Rei¿

El-Rei, não viera ainda.

Sempre venceria a Intriga?!

Escola de Patenir

A fuga para o Egipto

A lenda da salva

Em França a salva é flor bemdita entre tôdas. Mas porque nem todos sabem porquê, havemos aqui de reanimar a história que é costume contar-se de pais para filhos para que sempre nova e linda chegue até ao fim dos tempos.

Quando os carrascos do rei Herodes procuravam em tôdas as casas de Belém os inocentes que haviam de estrangular, iam cobertos de raiva e sangue. A virgem Santíssima, enquanto São José pedia de porta em porta a hospitalidade que todos lhe recusavam, ia andando pelas montanhas da Judéia apertando o seu filho contra o coração angustiado pela ansiedade de o salvar. De repente gritos de morte fizeram-se ouvir de longe. Os soldados ferozes e malvados avistavam-na e perseguiam o Menino Jesus. Não havia ali esconderijo a que pudesse abrigar-se. Então dirigindo-se à roseira mais próxima a Virgem Maria suplicou a uma rosa:

— *«Rosa, abre-te bem e esconde na tua folhagem o menino que querem matar com a pobre mãe agonisante de aflição.*

Da roseira respondeu a rosa: — *«Anda depressa o teu caminho pois os algozes poderiam fazer-me murchar e às outras rosas. Os goivos estão perto. Pede-lhes abrigo e êles to darão».*

— *Goivos gentis, disse então Maria, abram-se bem e escondam com as suas folhas a pobre criança que querem matar com a sua mãe agonisante de aflição».*

— *«Segue depressa o teu caminho... Não tenho sequer tempo para te ouvir; estou muito ocupado em florir! A salva está muito perto, a salva foi sempre o recurso de gente humilde».*

— *«Salva, minha boa salvasinha! Abre-te bem e esconde com as tuas folhas o menino que querem matar e a sua pobre mãe agonisante de aflição».*

Tanto e tão bem se abriu a salvasinha, tanto e tão bem alargou as folhas e as flores que abrigou o Menino Deus e a Sua Mãe Santíssima. Os carrascos perderam-nos de vista e quando passaram não pressentiram sequer o estremecimento da Virgem e o sorriso de Jesus...

Foram-se desapontados, e quando desapareceram, Maria saiu do seu refúgio com o seu Divino Filho.

— *«Salva, salva santa, bem hajas!»* disse a Mãe acarinhando com a sua mão branca, a planta compassiva.

E cobrindo de lágrimas folhas e flores da salva, abençoou-as. São José surgia enfim com um burrinho que alugara a um bom homem onde fez sentar Maria, com o Menino ao colo.

São Miguel Arcanjo descia do céu para lhes ensinar o caminho do Egipto e acompanhá-los durante a viagem encurtando-lhes o caminho. Em poucos dias tinham chegado ao seu destino.

Desde então ficou a salva bemdita entre tôdas as plantas.

E às crianças da Provença é por tal motivo ensinado o provérbio popular que nos dá conta do sucedido.

«Quem não recorre à salva não se lembra da Virgem».

BERTHA LEITE

Os criados aguardavam imóveis, a entrada de Sua Majestade, para começar a servir a Ceia.

A música cessara, e o Maestro, de bastão em punho não ousava atacar os primeiros compassos do Hino Real.

De súbito ouviu-se ruído no páteo lageado; tropel de cavalos, rumor de gente correndo, luzes de archotes.

Todos sabiam como o povo andava revoltado.

Ao espírito da Rainha, acorreram as velhas imagens da fuga na Polónia. Seria guerra? Atentado? Indiferente às leis severas do protocolo, correu para uma janela, e ficou petreficada.

Uma mascarada, alegre e buliçosa, atravessava o Páteo em correria louca. Damas envergando dominós de setim rosa, azul, e «capuchos» de peles, pelo braço de gentis-homens, dirigiam-se rindo e cantando, para o grande Canal do Parque, agora gelado.

Mais embuçado que os outros, a rainha reconheceu bem certo personagem, e o coração partiu-se-lhe de dor.

Vencera a Intriga.

El-Rei não viria consoar com a Rainha.

Os cortesãos, fitando aquela estátua de dor, foram saindo discretamente.

Quando Maria se voltou a sala estava deserta.

— «Senhora... tentou explicar a Duquesa de Brissac, a camarista fiel que não abandonara a sua soberana, mais uma vez esquecida por todos, até pelo próprio marido.

— Eu sei, minha boa amiga, respondeu Maria com voz calma, eu sei que temos ainda de pensar nos pobres!»

E como se nada se houvesse passado, a rainha dirigiu-se com ar majestoso para o salão contíguo, onde uma grande árvore de Natal, encimada por enorme estrêla de cristal, vergava ao pêso das luzes e dos presentes. Aos pés da Árvore um Presépio. Maria preparara aquela surprêsa para El-Rei. Os infantes, misturados com os filhos dos criados, viriam receber das mãos dos soberanos as lembranças que em nome do Deus Menino lhe entregariam. Era mais uma recordação da Polónia distante — a árvore de Natal — florida pela caridade. Nunca tal se vira em França.

Maria contemplou a árvore e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. As crianças entraram, entoando em côro um velho Natal

«Jesus nasceu,
Cantemos ao Salvador!

«Depressa, os escadotes», ordenou a rainha, calcando no coração a sua dor de mulher, para só pensar na alegria dos outros que a rodeavam.

Era preciso ser forte. Ter coragem, e ajoelhou-se aos pés do Presépio contemplando Aquêle que silencioso sorria na humilhação das palhinhas. «Por vosso amor, Jesus, pelo bem do meu povo, e de todos os homens»...

Que diria mais o seu coração?

Que apelo saíu daquêle Presépio, junto à Arvore da Caridade?!

A Rainha levantou-se, subiu ao escadote, e começou a distribuir as dádivas pelas crianças presentes.

Os olhos negros brilhavam-lhe com luz estranha, as faces pálidas animavam-se em sorrisos de bondade. Todos pasmavam! Nunca a rainha estivera assim tão linda; nem mesmo no dia já distante do noivado.

Tinha para cada qual uma palavra de amizade e carinho. Parecia irradiar felicidade, e tão atarefada andava, que não ouviu sequer o hino real. No alto do escadote procurava desprender uma das últimas prendas, quando uma voz bem conhecida e amada lhe preguntou: «E para mim, senhora, não tendes nada?» A rainha estremeceu, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas de alegria. Dominando a comoção, desprendeu uma estrêla e estendeu-a a El-Rei: «Para vos guiar ao Bom Caminho, como aos Magos de outrora». El-Rei baixou os olhos e estendeu a mão. Não era esta a mesma voz misteriosa que interiormente o chamara há pouco, quando seguia a louca mascarada, e o fizera retroceder?

Os reis dirigiam-se agora ao Salão da Ceia por entre alas de cortezãos de mistura com os pobres socorridos.

— Que lindo! Parece o céu, comentou um garoto a meia voz.

El-Rei ouviu-o, e segredou para a Rainha:

— «Sim, parece o céu, e Vós sois o meu Anjo da Guarda.»

Adriana Rodrigues

MENINAS

Cantam-nas os poetas...
Os românticos buscam para elas rimas suaves e imagens que condigam com a sua graça e frescura.

«Quando fores rosa um dia
meu pequenino botão...»

. . . .

«Quando, ó concha pequenina
Que na espuma à praia vens...»

. . . .

«Quando, ó estrela da luz tua
todo o azul se iluminar...»

. . . .

(Fernando Caldeira)

E na verdade tôdas estas expressões poéticas são bem apropriadas às *meninas!*
Mesmo nós, que não fazemos versos, nos servimos destas e doutras comparações semelhantes.
Meninas! Cantam-nas os poetas e com elas desejam aprender...

«A ser casto, sem querer;
A ser bom, sem o saber;
A ser alegre, sem ter
Motivos para o ser

. . . .

A sorrir e a confiar;
A ter esp'rança e a perdoar,
A esquecer e a chorar...»

(Carlos Queiroz)

Meninas! Todo o seu encanto está nessa pureza que ainda não é virtude... nessa bondade que ainda desconhece os mandamentos... nessa alegria que não tem nome...
Mas também existem *meninas* tristes, e o poeta condoe-se de vê-las passar...
Meninas sem mãe...

«Que fazem durante o dia?
— Aprendem a soletrar,
A coser... E o sol? E o ar?
Quando pensam em lhes dar
Uma lição de alegria?»

Triste ou risonha, passa depressa a meninice. Sonho?... Conto?... Saúdade?...

«Não sei, ama, onde era.
Nunca o saberei...
Sei que era a primavera
Era o jardim do Rei...
(Filha, quem o saberá!...)

Que azul tão lindo tinha
Ali o azul do céu!
Se eu não era a Rainha,
Porque era tudo meu?
(Filha quem o adivinha?)

E o jardim tinha flôres
De que não me sei lembrar...
Flôres de tantas côres...
Penso e fico a chorar...
(Filha, os sonhos são dores...)

Qualquer dia viria
Qualquer coisa a fazer
Tôda aquela alegria
Mais alegria nascer
(Filha, o resto é morrer...)

Conta-me contos, ama...
Todos os contos são
Êsse dia, e jardim e a dama
Que eu fui nessa solidão...»

(Carlos Queiroz)

Quando deixamos de ser *meninas* tôdas nós temos saúdades dêsse dia de primavera em que passeámos no jardim de um rei — o país dos sonhos!

«Não sei, ama, onde era
Nunca o saberei...»

Passámos por lá a sonhar, e, quando acordamos, já não acertamos com o caminho!
Meninas! Muitas têm sida cantadas, mas só uma — cheia de graça — foi, Ela mesma, um poema!
Ao vê-la subir as escadas do Templo, Augusto Gil exclama:

«Quem te vê deduz
Que um Deus amigo dêste mundo triste
Pôs nos teus olhos uma eterna luz
Para que a gente a essa luz O aviste
Vae chegar decerto!
Ergueste os olhos ao azul do espaço
E eis-lhe o caminho — que é do céu aberto
Para onde os tens agora: o teu regaço...

Maria! *Alba plena.* Tôda a beleza das *meninas* está também na sua brancura. Se deixam de ser puras, deixam de ser *meninas*. Passam a ser, antes de tempo, *mulheres!*

Coccinelle

NATAL DE 1945...

Boas Festas a Salazar

TERMINAVA assim um notável documento que, a propósito do momento político, publicou Sua Eminência o Cardial Patriarca de Lisboa:

«A' Igreja só compete, nesta hora, dar graças a Deus pelo milagre da paz, pelos benefícios da ordem e do progresso, de que tem sido objecto a Pátria Portuguesa — e orar por que a amizade, a concórdia e a colaboração de todos os portugueses se firmem e desenvolvam, no acatamento da autoridade, no respeito de tôdas as legítimas liberdades, individuais e públicas, e na crescente elevação económica, intelectual e moral das classes mais desfavorecidas».

Aqui está um programa para a nossa festa de Natal dêste ano: **agradecer** e **orar.** A' volta do presépio do Deus Menino, ajoelhe e reze a grande família portuguesa, irmanada na mesma Fé, a velha Fé de Portugal — na mesma colaboração desinteressada e patriótica, todos de mãos dadas, à volta do chefe que Êle nos deu.

Que esta consoada natalícia tenha o sabor da paz e da alegria fraterna e portuguesa.

* * *

E o que tu não podes fazer, filiada, em teu redor, onde possa chegar o teu coração e o teu influxo de mulher e cristã!...

Que tôda a tua «política» seja apenas esta: *agradecer* e *orar* a Deus os bens que nos deu e os que necessitamos, sobretudo «os mais desfavorecidos».

Agradecer ao Senhor o «milagre da paz» e os chefes timoneiros que comandam a barca da Pátria neste mar irritado das desavenças entre irmãos — e **pedir** que nos conceda aquela «amizade e concordia» sem as quais é impossível trabalhar e render.

E' isto, afinal, secundar e continuar a homenagem das mulheres portuguesas que numa demonstração expontânea e linda vêm *«agradecendo a Deus a bênção que tem sido a acção governativa de Salazar».*

Já conheces certamente, pelo relato dos jornais, o caso de uma, entre milhares e milhares de cartas e telegramas, que bem merece registo nas nossas páginas — sobretudo para que tu o saibas meditar.

...Oitenta e oito anos bem vélhinhos os daquela vélhinha, D. Maria Leopoldina Furtado de Mendonça e Matos...

Oitenta e oito anos!... — e «todos os dias, (conta uma sua filha) quando às primeiras horas da manhã a vou ver ela me diz sempre: — **Já rezei pela alma da Mãe de Salazar,** pois penso que é esta a melhor homenagem que tôdas as mulheres portuguesas podem prestar a quem teve um filho como êle».

Benditos oitenta e oito anos que ainda há pouco puderam assim escrever:

«Salazar é para o seu e nosso País o mesmo que o ar para o organismo humano: é a vida. Sem êle deixaria de existir. Ao eleito de Deus, ao iluminado do Espírito Santo, o mais profundo afecto duma velha pessoa, que muito breve vai dar contas a Deus. Da beira da sepultura, ela o abençôa, com entranhada amizade e profundo respeito».

* * *

Alguém chamou a êste gesto de ternura «uma bênção que quási vem de junto de Deus»...

Filiadas da Mocidade Portuguesa: seja outra, senão igual, a vossa «bênção».

Depois da paz que êle nos conservou, depois da ingratidão de alguns, e da vitória das últimas eleições — vá cada rapariga da mocidade, com quantas outras possa encontrar à sua volta, como ao desafio, levar a Salazar as «broas» dêste santo Natal.

Por todos os meios possíveis, fazei-lhe chegar ao seu coração o carinho da ternura juvenil e feminina.

Seja desta forma: assegurar-lhe que sempre rezareis por êle, hoje e sempre, todos os dias...

...e que ao Menino Deus e a sua Mãe — que é nossa Padroeira e Raínha, pedireis o que êle certamente, a cada momento suplica ao Senhor, nas horas medonhas do govêrno da nossa Terra, quando, sósinho, vigia e trabalha e sofre: — o melhor bem para todos nós, o engrandecimento, a paz e o pão, a bênção de Deus.

G. A.

EÇA DE QUEIROZ E O NATAL

Eça de Queiroz e o Natal...

O tema colhe-me de surpresa e tem, assim inesperado, uma sedução irresistível. Quem uma vez se deixou tentar pelo estudo da obra do Eça, nunca mais a abandona; quem uma vez experimentou o sabor daquêle vinho capitoso e procurou, melhor ou peor, destrinçar a gama de aromas subtis e fortes que o compõem — nunca mais perde o vício.

Eça de Queiroz e o Natal... Que maravilhoso tema!... Naquêle mundo de almas que êle fêz viver, na variedade infinita dos cenários que pintou e das cenas que descreveu, nos meiozinhos provincianos ou citadinos que meteu a ridículo, nos lares burguezes que dramatizou, na sarabanda do «demi-monde» ou nos salões saturados de elegância e de pecado que Fradique freqüentava — quantos Natais se não passaram, quantas festas do Natal se não realizaram... O Natal tradicional em Santa Ireneia e em Tormes, o Natal aristocrático no Ramalhete, o Natal mesquinho e beato de Sanjoaneira, o Natal brilhante e cosmopolita de Fradique, o Natal burguês de Luísa... Presépios e pinheiros do norte, loas e cânticos, velinhas de cêra e lâmpadas eléctricas, rabanadas e creme Chantilly, vinho verde e «Champagne»... Que variedade deslumbrante, que mistura incoerente e sedutora de meios e de pessoas; de côres e de luzes; de aromas e de sabores...

O que Eça nos poderia ter deixado, o que êle poderia ter enriquecido a literatura portuguesa do Natal, se tivesse querido ou se se tivesse lembrado de o fazer entrar no mundo da sua obra!

Mas não... A única vez que se lhe refere — nas «Cartas de Inglaterra» — é para fazer, a propósito da melancolia dum Natal sem neve, uma descrição graciosa, fina, leve de traço, suavemente aguarelada, deliciosamente picante, da grande festa cristã num burgo tradicional da Grã-Bretanha. Na sua prosa inigualável passam, com um esplendor vivo, todos os velhos e estafados motivos: o castelo sumptuoso, rasgando o coração da noite negra e nevada, com os feixes de luz das suas numerosas janelas, os salões alcatifados e aquecidos, onde crepita o lume de lenha nos fogões de mármore e ressoam, modeladas nas cordas do piano que se não cala e nas vozes cristalinas da gente moça, as velhas canções próprias da época. Por tôda a parte — guarnecendo os dintéis das portas e os braços dos lustres, o espaldar das cadeiras e os troféus de caça — a ramagem verde do «mistletoe», pontuada de bagas rubras, espera e atrai as raparigas que se deixam surpreender debaixo dela pelos beijos dos primos ou dos amigos, que aproveitam alvoraçadamente o privilégio tradicional.

Depois, Eça estabelece o contraste fácil entre êste confôrto, esta abundância elegante e feliz e a miséria das crianças pobres que esperam, na neve do caminho, os restos generosos do banquete, saboreado, lá dentro, entre risos e cânticos, em volta da mesa carregada de pratas e cristais.

São ainda felizes estas crianças, porque têm também a sua festa do Natal: comem gulosamente os petiscos e as doçarias que os meninos ricos partilham com elas e apertam nas mãozinhas enregeladas os brinquedos que sobraram da grande distribuïção feita por Santa Claus ou pelo «Fater Christmas».

Nada tem de original êste quadro com o seu ar de oleografia barata — o próprio Eça evoca logo de início as oleografias e gravuras inglesas sôbre o assunto — como nada há de original nas considerações impregnadas de um vago e romântico socialismo que se lhe seguem. Não há nêste trecho sôbre o Natal inglês nada de forte, de intenso, de agudamente observado — no ponto de vista social ou no ponto de vista estético — que o singularize, que lhe dê carácter. Não há uma idéia nem um comentário novo. Eça devia sofrer, ao escrevê-lo, duma crise de imaginação...

Se não fôsse a magia do seu estilo, o seu virtuosismo em distribuir a côr e a luz, a sonoridade verbal de que possuía todos os segredos, êste trecho seria simplesmente vulgar e a aguarela teria resultado amaneirada e possidónia.

E é tudo o que se encontra na obra de Eça sôbre o Natal...

Dir-se-ia que o assunto não o inspirava, não lhe agradava por qualquer razão... Custa a crer que tenha sido, apenas, o acaso que manteve afastado êsse sentimental, que êle foi, de um motivo tão sedutor e, ao mesmo tempo, tão pitoresco; de um tema literário tão rico que pode atingir a vibração dramática, ou manter-se nos tons surdos e suaves do quadro familiar e burguês, ou revestir-se do colorido, da alegria, da estridência, da emoção primitiva das cenas rurais.

Nunca, nas páginas que escreveu, se surpreende uma vaga evocação, uma imagem de lida uma lembrança semi-apagada que seja, de um Natal português, de um Natal nosso, de um Natal da sua infância. Todavia, Eça passou a infância numa província do norte, onde êle é tão sentidamente festejado. Nunca teria êle posto os sapatinhos na chaminé, nunca teria êle gozado, rido de alegria, batido as palmas de entusiasmo, aberto de espanto os seus olhos curiosos, diante de um bom presépio minhoto?

...Ou que tristes, que amargas recordações estariam associadas, na sua memória, a essa festa que é, entre tôdas, a festa da família e a festa das crianças? E' bem possível que as condições da sua infância infeliz; os primeiros anos passados longe do calor da mãe, cuja ternura, segundo parece, nunca chegou a possuir plenamente; despeitos a custo dominados; desdéns sofridos ou simplesmente imaginados; comparações ciumentas com o amor dado aos outros irmãos — tudo isto ou alguma coisa disto tivesse tornado a época do Natal mais dolorosa do que qualquer outra para a sensibilidade fina do escritor, mais evocativa de lágrimas recalcadas que de alegrias.

E quem não experimentou a alegria do Natal em criança, nunca chega a saber o que ela é... Tê-la-ia alguma vez experimentado aquêle «pobre homem da Póvoa de Varzim» como êle, melancòlicamente, se designou a si próprio?

Madalena da Câmara Fialho

FRA BAMBINO

por MARIA MONARDA

A história de Fra Bambino, ouvi-a da bôca do meu avô, era eu ainda bem pequena. Transcrevo-a aqui, tal como a encontrei mais tarde, nas páginas amarelecidas das suas memórias.

Véspera de Natal de 1911. Dia cinzento de névoa. Como me recordo daquele Natal de há 23 anos, passado em Albese, com a minha Maria... Levara-a para lá, em fins de Novembro, na esperança de que a mudança de ares e o clima mais ameno lhe trouxessem a cura tão desejada. Era um dia tristonho, dia de lareira e de intimidade. A' tarde, fui dar o meu passeio habitual, enquanto Maria repousava. Dirigi os meus passos dolorosos para o mosteiro de Porta Coeli, como fazia muita vez. Buscava ali, talvez inconscientemente, a paz e a acalmia da minha dor.

A vila era pitoresca, situada no sopé dum monte, donde do alto, se avistava, ao sul, Constança, com o seu lago tranqüilo e suas vivendas acolhedoras. A meia encosta, o Mosteiro, lembrando um ninho entre a verdura, parecia abençoar a vila e os seus habitantes. A construção antiga nada tinha de artístico, mas era extremamente atraente; dava-me a impressão de ser a morada de santos.

Naquela tarde, encontrei o bom Fra Luigi, o porteiro que já bem me conhecia, a cortar heras para o presépio, perto da igreja. Cumprimentei-o e trocámos algumas palavras. Dentro de momentos, passou por nós o Fra Bambino, que saía do mosteiro, a caminho da vila. Segui-o do olhar, curioso e reverente. Vira-o poucas vezes, mas grangeara logo a minha admiração. Era de estatura média, magro, homem feito. O seu rosto não era belo, nem as suas feições correctas, mas havia qualquer coisa que fascinava no seu olhar profundo: era uma expressão indefinível de bondade, de doçura, de inocência, ao mesmo tempo que de desprendimento e elevação. Nunca lhe vi a côr dos olhos, mas sei que eram luminosos e projectavam uma auréola de suavidade sôbre a sua fisionomia. Na vila, quando passava, as mulheres chegavam-se às portas para o saudar, os homens descobriam-se reverentes; as crianças corriam radiantes ao seu encontro, e êle abençoava-as sorrindo, tal como o Mestre, quando caminhava pela Palestina. Fra Bambino era nome conhecido e venerado em tôda a vila.

Fra Luigi também o seguira dum olhar húmido e enternecido. Como que a falar sòzinho, murmurou: «Faz hoje trinta e quatro anos que Fra Bambino entrou em Porta Coeli.» Como eu o olhasse surpreendido — Fra Bambino parecia ter apenas essa idade — volveu-se para mim: «Não conhece a sua história? E' simples e bela, como o são todos os caminhos do Senhor. Fra Bambino é do mosteiro como o é esta hera que nasce e cresce agarrada aos nossos muros. Demos alguns passos e sentemo-nos sôbre um banco de pedra. No velho campanário, à nossa frente, os sinos aguardavam solenemente o momento de anunciarem o Natal. Alguns passarinhos saltitavam timidamente perto de nós. Esperei em silêncio que Fra Luigi começasse a sua história.

«Há trinta e quatro anos, era eu ainda novo e tinha então o ofício de sacristão. Lembro-me que naquela noite de Natal não havia neve em Albese, tal como êste ano. O inverno era clemente e a terra estava tôda branca de luar. Depois de ter tocado o segundo sino para a Missa do Galo, subi ao campanário, como gostava de fazer — tinha eu então boas pernas para isso... — para ver o céu e a terra e louvar a Deus pela grandeza das suas obras. A vila parecia dormir. Compreendi que haviam já partido os saltimbancos, que tôda a tarde puseram o povo em rebolIço. Pareceu-me ouvir ainda ao longe o som das suas gaitas e pandeiretas. Dei graças a Deus, porque não era assim que os bons habitantes de Albese costumavam celebrar o nascimento do Salvador. Troya, a fiel cadela dinamarquêsa, ladrava agitadíssima dos lados do palheiro; a nossa boa Troya era inofensiva, mas guardava bem o mosteiro e sabia infundir respeito.

Desci à igreja, a ver ainda se tudo estava em ordem, examinei o presépio, dei-lhe os últimos retoques, mudei a posição de São José, e ia à sacristia buscar o Menino Jesus, quando ouvi abrir-se a porta lateral do adro, que deixara encostada, e senti os passos apressados da Troya, em direcção a mim. Aproximou-se do presépio e vi que trazia na bôca um embrulho de trapos. Pousou-o mesmo dentro da mangedoura e olhou-me com um olhar quási humano, puxando-me pelo hábito para que me chegasse mais.

Ajoelhei-me então, para verificar o que aquilo era. Troya lambia-me as mãos. O coração batia-me furiosamente e prorrompi em soluços quando vi um menino, mimoso como um botão de rosa a dormir tranqüilamente. Mil coisas me passaram pela mente; lembrei-me dos saltimbancos e um rubor de indignação subiu-me às faces. Olhando melhor, vi um papelinho caído sob o braço da criança. Mão trémula escrevera: «Deus te guarde, meu filho!» Não sabia o que pensar do mistério, do drama que ocultava. Que fazer? Dentro de minutos ia começar a Missa. Então, por inspiração do céu, talvez, tomei uma resolução. Arranjei o menino o melhor que pude e deixei-o ali mesmo, dentro da mangedoura. Troya deitara-se imóvel ali ao lado e parecia aprovar a minha idéia.

Durante tôda a Missa, não pude dar atenção a nada. Enganei-me e tremi tanto que o nosso Padre olhou-me surpreendido várias vezes. O povo, um pouco afastado, não dava por nada. Alguns estranhavam a presença de Troya, que era a mais naquele quadro já tão familiar.

Foi ao fim da Missa, quando o nosso Padre se aproximou para dar o Menino a beijar, como já se fazia então, que êle acordou e se pôs a chorar. Todos se agitaram. Julgaram que era um milagre e precipitaram-se para o presépio, exclamando: «Il Bambino, il Bambino Gesú...» Vejo ainda a boa Evelina, mulher do nosso pastor, a chorar e a rir, e a limpar as lágrimas ao seu chale domingueiro.

Fomos em procissão para a sacristia, o nosso Padre à frente, com o menino nos braços, seguido da Troya e da multidão comovida. Tive que contar então o que se passara. «Poverello!» exclamavam as mulheres; os homens calavam-se e enxugavam sorrateiramente lágrimas furtivas. E foi então que Amedéa se aproximou; todos a fitavam condoidos. Era a filha de Evelina, viúva de 26 anos, que perdera o filhinho não havia uma semana. Seus olhos negros, tristes, suplicantes, pousaram-se nos do Superior. «Padre, disse, dê-me o bambino...»

Nunca se soube, apesar das pesquizas, como o Bambino — assim ficou sendo chamado, — fôra parar a Porta Coeli. Amedéa adoptou-o. Trazia-o tôdas as semanas ao mosteiro e sentia-se aqui muito bem. Preparei-o eu para a Primeira Comunhão. Não era uma criança como as outras. Sempre grave e sorridente, parecia viver um sonho interior, talvez o sonho que tivera no presépio, naquela noite de Natal. Quando Amedéa faleceu, tinha êle 15 anos e veiu para cá. Era aqui o seu lugar».

Fra Luigi calou-se. Instantes depois, apertei-lhe a mão silencioso e parti.

Naquela noite, após a Missa, fui o último a deixar o mosteiro. Junto do presépio Fra Bambino orava, revivendo, talvez, o sonho do seu primeiro Natal. A sua presença era um perfume de pureza. Não me contive, e chegando-me a êle disse-lhe: «Fra Bambino, peça a saúde da minha mulher.» Nunca esquecerei o olhar com que me fi-

(Continua na pág. 18)

1º

PRESÉPIOS EM AZULEJO

A cêna mística da Natividade de Jesús, foi e continua a ser, o mais belo tema inspirador para o artista cristão. Ao sabôr das mais variadas correntes artísticas, enquadrado no estilo peculiar de cada época, o «presépio» do Menino-Deus é motivo de beleza sempre novo, irradiando essa paz ideal de que é o próprio símbolo.

A humílima choupana de Belém tem sido, desde séculos, o cenário de telas e painéis, onde tôda uma teoria de pastores e de Reis Magos se estasia e prosta perante o divino infante, nascido entre as palhinhas.

No barro dócil e brando deixaram os escultores essas encantadoras figurinhas de presépio, já ingénuas e tôscas, para o povo, já requintàdamente trabalhadas, em figurações quási teatrais, com destino às exposições devotas nos conventos ricos ou nos palácios brazonados. Também no mesmo barro — feito suporte de pintura — o mesmo tema serviu a dezenas de artistas, anónimos na maioria dos casos, e que, durante séculos, forraram Portugal de azulejos.

3º

Seria pràticamente impossível inventariar todos os quadros e silhares, todos os registos e painéis, onde a Natividade nos é revelada como assunto pictórico principal. Desde que a decoração por azulejo tomou o sentido pictural e monumental, encontraram os artistas na representação do mistério do Natal, motivo fecundo e sempre aliciante, para as mais variadas composições.

E' Portugal, simultâneamente, o país do azulejo figurado e dos presépios: não é portanto maravilha que tenhamos a mais vasta representação dêsse suave passo na nossa cerâmica decorativa.

Copiados de gravuras, transpostos de ilustrações de agiológios, produto de criação original, de maior ou menor quilate artístico, os graciosos presépios de louça espalharam-se por ermidas e igrejas, por capelas privadas de famílias de haveres ou foram pôr a sua nota de ternura sôbre as portas ou à ilharga dos alpendres das casas mais modestas.

Foi a partir dos fins do sécuIs XVII que a voga do azulejo figurado mais se espalhou em Portugal e essa é, igualmente, a época em que as representações da Natividade se popularizam como motivo místico, nos quadros e presépios de «armar», nas estampas e nos livros de horas marianas.

Por sua antiguidade e beleza, destaca-se, entre os revestimentos azulejados dos princípios do século XVIII, o paramento interior da Capela da Peninha, elevada no mais alto píncaro da Serra de Sintra, sobranceira ao Oceano. Dos painéis que, acima do silhar, forram inteiramente as paredes da modesta capela, escolho aquêle que nos mostra a cena do Natal, não só o mais representativo, como, sem dúvida, o mais belo! Datado o revestimento de 1711 — de autor desconhecido — êle pode afoitamente classificar-se dos mais valiosos existentes em Portugal, exemplo frizante do grau de perfeição artística que a pintura sôbre barro atingiu por essa época. Não só a composição, de perfeito equilíbrio, como o tratamento das figuras e roupagens, o movimento e vida das personagens e tôda a graciosidade do conjunto, acusam a mão de grande mestre, cuja obra ficará como padrão do maior valor para a história da arte do azulejo.

Pouco posterior em data, mas ainda de época em que a pintura sôbre barro era mister de verdadeiros artistas, é o revestimente da parte superior das paredes da curiosa capela circular de Nossa Senhora do Socorro, de Vila do Conde. também, como a da Peninha, debruçada sôbre o mar. Aqui já a composição se apresenta conforme aos formalismos estilísticos joaninos, a figuração menos movimentada e a pintura — se bem que ainda de excelente qualidade — não pode no entanto comparar-se com a do mestre da Serra de Sintra. Não está êste revestimento datado nem foi possível encontrar prova documental da sua cronologia: pelas características oficinais e estilísticas, porém, julgo poder classificá-lo como obra próxima de 1720. Obedecendo rigorosamente à iconografia mariana, a Natividade decompõem-se nas duas cenas capitais — A Adoração dos Pastores e a Adoração dos Magos — reünidas, geralmente, nas figurações dos barristas.

2º

2º

Como terceiro exemplo de azulejo figurado do século XVIII, escolhi um dos grandes painéis da capela do Arneiro, próximo da Merceana, paragem ignorada entre as pitorescas aldeias da Extremadura. A modesta capelinha, recolhida por trás da vasta alpendrada, é a depositária dos magníficos azulejos que constituem a sua única recomendação. O presépio, que constitui uma das cenas marianas que serviram de tema à decoração, acusa já a época da grande produção, culminando nos meados do século XVIII. Os fundos arquitetónicos preenchem a composição, falsificando o ambiente humilde, e o motivo principal perde, no conjunto, o seu valor temático; é o sentido do «monumental» — característico da época — que deixa vincado no azulejo a sua majestosa presença.

Quantos mais exemplos poderiam ser apresentados, ilustrando com os presépios tôda a marcha evolutiva da arte da pintura em barro; bastam-nos, por agora, os que ilustram êste texto, para dar idéia, ainda que pálida, do muito que, por êsse Portugal fora, se impõem à devoção dos crentes e à admiração dos artistas.

João Santos Simões

É êste o programa que vos damos para o próximo ano, filiadas da M. P. F.

Servi o Senhor com alegria!

O que equivale a dizer, com uma disposição moral mais elevada, um convívio familiar e social mais amável, uma piedade mais fervorosa e uma virtude mais pronta para o cumprimento do dever de cada dia.

A Madona sorridente
A. Roselino

A Lenda da Pérola Rosada

FANTASIA EM 3 QUADROS

(Adaptação do livro de N. Phany, das Franciscanas Mission. de Maria: «La Légende de la Perle Rose»

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

PERSONAGENS:

A SAGRADA FAMÍLIA
A MULHER POBRE
PRINCESA AZULA
MELCHIOR, *(Mago do Oriente)*
ZAREDDA, *(aia de Azula)*
GASPAR } *Magos*
BALTAZAR }
MULHERES, *bailarinas, etc.*

A cena passa-se numa cidade do Oriente, no Ano do Nascimento de Jesus

QUADRO I

Nos jardins maravilhosos da princesa Azula, filha do principe Melchior, Mago do Oriente. Quando o pano sobe, *a cêna está vazia. Ouve-se a música suave do* Prelúdio d'Alkan, *por exemplo. Terminada a música entra, pela direita, a* Mulher pobre, *envolta num manto azul, com o Filho nos braços. Senta-se, encostada a um cedro; cabisbaixa e dolorosa... Passados três minutos, vêm da esquerda, bailando lentamente, um grupo de raparigas; e, a seguir, com as mulheres do seu séquito, a princesa Azula e Zaredda.*

AZULA, *(contente, olhando em roda)* — Zaredda, vês como brilha o sol? Como luzem os pingos do orvalho nos troncos das árvores? *(dá uns passos)*. E que aroma subtil o das rosas e dos cravos!

ZAREDDA *(apontando o fundo)* — Vêde além, Princesa, como está linda a grande magnolia tôda florida! E' ela por certo que exala o aroma mais forte...

AZULA *(sorrindo)* — Mais forte, sim, Zaredda, dizes bem: mas não tão suave como o das rosas... *(aspirando com delicia; de súbito, olhando a direita, aponta a Mulher pobre)* Que vejo ali, Zaredda, encostada ao cedro velho? Parece-me uma pobrezinha, embora o seu manto tenha a côr do céu!... *(avança para a mulher, cujo filho acorda a chorar)*.

A MULHER POBRE (*erguendo-se*) — Senhora...

AZULA (*com bondade*) — Quem sois, boa mulher? Que quereis da princesa Azula? E porque chora o vosso filhinho?

A MULHER (*triste*) — Fui expulsa da gruta onde vivia... O meu filhinho tem fome... Nada tenho para o vestir... Valei-nos, Princesa Azula.

AZULA (*procurando na sua bôlsa*) — Eu vos darei o que precisais; eu matarei a fome do vosso filhinho, eu vos prepararei pousada para dormirdes... *(a bôlsa está vasia)* Zaredda, minha aia, dai-me o que tendes ai para os meus pobres: dai tudo, Zaredda, dai-mo depressa!

(A aia mostrando o grande saco vazio)

ZAREDDA — Já nada há, Princesa! Não vos recordais que tudo destes à saida do Palácio?

AZULA (*admirada*) — Tudo dei??

ZAREDDA — Aos velhinhos que vos esperavam, às mulheres que vos aclamavam...

AZULA *(enérgica)* — Não posso vêr a tristeza desta pobre mulher, nem ouvir o chôro do seu filhinho. (*Tira o colar do pescoço do qual pende a grande* **Pérola côr de rosa**).

ZAREDDA *(segurando-lhe a mão)* — Senhora!

AZULA *(com simplicidade, pondo o colar à pobrezinha)* — Tomai o meu colar, levai a Pérola sem igual em todo o mundo! E que ela vos dê a fartura e a alegria. Levai o colar, levai!

A MULHER POBRE *(baixo)* — Deus vo-lo dará um dia, Princesa.

(*A criança calou-se*).

AZULA *(voltando-se para a aia)* — Zaredda, Zaredda, como estou feliz! Já não chora o filho da pobrezinha! E com o valor do meu colar, oh Zaredda, quantas coisas ela poderá pagar... Nada mais virá a faltar-lhe, pobrezinha dela!

ZAREDDA *(sèria)* — O vosso coração é como o ouro puro, Princesa: e é por isso que se enche de ventura dando a ventura aos outros. Mas... *(Zaredda interrompe-se)*.

AZULA *(com espanto)* — Porque te calas, Zaredda?

(A Mulher Pobre desapareceu...)

ZAREDDA *(censurando)* — Perdoai, Princesa, as minhas palavras: mas a Pérola que vosso Pai vos deu com tanto amor, a Pérola Rosada, de tal raridade que nem a origem se lhe conhece, não deveria sair do vosso colo delicado!... *(fica pensativa)* E vosso Pai, Princesa...

AZULA *(abraçando-a)* — Nada temas, Zaredda: eu mesma, esta noite, lho irei dizer. Quando meu Pai estiver na alta tôrre, espreitando as estrêlas do céu, na esperança de ver aparecer, enfim, a Estrêla que o há-de levar...

ZAREDDA *(receosa e curiosa)* — Aonde, Senhora?!

AZULA — Não sabes nada, Zaredda? Meu Pai mo disse, escuta: no dia em que ao Mundo vier o Messias, (Aquêle que foi prometido por Deus ao primeiro homem), para que os Magos possam saber da Sua vinda, e ir adorá-lO, há-de surgir no céu uma Estrêla de cauda luminosa...

ZAREDDA, (*de mãos erguidas e assustada)* — Senhora!

AZULA *(com entusiasmo)* — Mais brilhante que todos os astros do céu!

ZAREDDA (*impressionada*) — Deus grande!

AZULA (*radiante*) — Essa Estrêla, dum brilho maior que das outras, caminhará pelo vasto firmamento, Zaredda: e guiará os Magos até ao lugar bendito onde nasceu o Messias!

ZAREDDA (*espantada*) — E os outros Magos quem são, Princesa? De que terras vêm êsses principes? Verão êles também a Estrêla?

AZULA — Do pais dos negros vem Baltazar, da Arábia virá Gaspar. E também

êles verão no céu a Estrêla, o sinal santo da chegada do Messias ao Mundo. No deserto, longe daqui, devem juntar-se as suas caravanas às do meu Pai: e assim, irão carregados de Ouro, de Incenso, de Mirra, adorar, humildemente, Aquêle que é o Redentor dos Homens, Zaredda. (*Virando-se para a direita*). Mas... onde está a Mulher Pobre, com o seu Filho nos braços?

(*Procuram ambas, por todos os lados...*)

CAI O PANO

QUADRO II

(Na tôrre onde Melchior se dedica ao estudo da astronomia. Larga galeria onde se vê o céu estrelado).

Sobe o pano.

Costas para o público, quàsi na escuridão, o Mago contempla o firmamento; tem a seu lado, sôbre uma estante de forma estranha, grandes folhas de pergaminho que consulta de vez em quando. Passam alguns minutos.

Azula aparece à esquerda e pára, com a mão no coração.

Azula (*baixo*) — Como bate o meu coração... Será pela subida a esta tôrre tão alta? Será pelo que tenho de dizer a meu Pae? Será por vê-lo na contemplação do céu, onde talvez vá surgir esta noite a Estrêla? *(espera em silêncio; e Melchior não a ouve)*.

AZULA (*baixo*) — Pai! Meu Senhor Pai!

Melchior (*voltando-se, surpreendido*) — Tu, minha filha! Azula, a que vens aqui? *(avança, lentamente, para ela)*.

AZULA (*sorrindo*) — Não querieis ser perturbado esta noite, bem o sei...

MELCHIOR (*grave, segurando as duas mãos da filha)* — Cada noite que passa, minha filha, eu sinto que mais perto estamos da vinda do Messias, prometido há tantos séculos e anunciado pelos Profetas...

AZULA — E sabeis, de certeza, que a Estrêla surgirá para mostrar-vos o caminho a seguir, Senhor Pai?

MELCHIOR (*afagando a cabeça da filha*) — Entre os astros mil que luzem no firmamento, Azula, iluminando a noite escura (*aponta o céu estrelado*) a Estrêla há-de aparecer numa noite: e o seu brilho será tal... que quási cegará quem se atrever a olhá-la! Como eu, filha, estão os outros Magos de noite, nas suas tôrres, esperando que surja a Estrêla luminosa. Para que os não surpreenda o sono, dormem durante as horas do dia; e nas longas noites de vigilia, contemplam o céu estrelado. E foi para que tudo isto te explicasse, Azula, que subiste esta noite à tôrre de teu Pai?

AZULA (*baixo*) — Não, senhor Pai, não foi...

MELCHIOR (*admirado*) — Fala, minha filha...

AZULA — Tudo me tendes dado, Senhor Pai, e tudo o que meu espirito pede, tudo me deixais fazer...

MELCHIOR (*com carinho*) — Alguma coisa desejas que eu não te fizesse ainda, filha minha?

AZULA (*com entusiasmo*) — A maior alegria da minha vida é poder valer aos pobrezinhos: dar-lhes o que possa diminuir a sua misèria, a sua tristeza, a sua desgraça...

MELCHIOR (*contente*) — A tua alma é pura como um lirio!

AZULA (*risonha*) — Senhor Pai, escutai-me: a Pérola Rosada que me destes, suspensa do colar precioso, por minhas mãos a puz ao pescoço da Mulher Pobrezinha, cujo Filho chorava de fome e de frio...

MELCHIOR (*espantado*) — Sabes que essa Pérola é única no mundo, Azula! E que nada há de mais raro e precioso??

(*Uma luz intensa invade a tôrre)*

MELCHIOR E AZULA *(voltam-se ambos)*

AZULA (*com delirio*) — Senhor Pai, a Estrêla surgiu! (*ambos correm para a galeria*).

MELCHIOR — Graças Vos dou, Deus do Céu! A Estrêla brilha mais do que todos os outros astros, Azula! Não vês como ela caminha?

AZULA (*olhando*) — Caminha para o lado onde o sol se escondeu...

MELCHIOR (*apressado, toca um gong com fôrça; depois, fala da galeria para baixo)* — Escravos, servos, trazei os camêlos aprontados para longa jornada! Carregai o Ouro precioso, e as Joias do meu Tesouro! Depressa, depressa, sigamos a Estrêla!

AZULA, (*ajoelhando diante do pai)* — Deixai-me ir também, Senhor Pai, deixai-me ir!

MELCHIOR (*hesitante*) — E's nova ainda, para tão longa jornada... (*de repente*) Mas que sacrificios contam para ir adorar o Messias? Vem, minha filha, vem! (*cinge-a contra o peito*). Irás com Zaredda no teu camêlo branco. E se ainda tivesses a Pérola Rosada, seria essa joia rara que levarias ao teu Deus!

AZULA (*pensativa*) — Deus ma dará um dia: assim me disse a pobrezinha...

CAI O PANO

QUADRO III

(Antes de abrir o pano, coral próprio do Natal).

A gruta de Belém e a Sagrada Familia, em quadro vivo.

Entra, lentamente, Baltazar; depõe no chão o cofre que encerra a Mirra.

BALTAZAR (*comovido e prostrado no chão*) — Oh Redentor do gènero humano, Tu que quizeste fazer-Te homem, como o mais misero dos homens, aceita, com a minha humildade, a Mirra que é o simbolo da Humanidade que assumiste!

(*Entra, do mesmo lado, Gaspar*).

GASPAR (*segurando o cofre do Incenso e ajoelhando de mãos postas*) — Eu Te adoro com tôda a minha alma! E trago-te o Incenso devido à Tua Divindade!

MELCHIOR (*de joelhos*) — Rei de todos os Reis! Senhor do Mundo inteiro, digna-Te aceitar o amor do Teu servo humilde... E entre joias do mais puro quilate, trago-Te a mais preciosa joia que possuo: minha filha! (*afasta-se para dar lugar à filha que entra trazendo joias nas mãos*).

AZULA (*deixando cair as joias e de braços cruzados sôbre o peito. Avança um pouco e ajoelha, beijando os pés do Menino* — Eu amo-Vos, Senhor!

A VIRGEM (*pondo o colar da Pérola Rosada nas mãos de Azula)* — Guarda para meu Filho, Azula, o teu coração sempre tão puro como esta Pérola Rosada...

AZULA *(em extase)* — O meu colar! Deus restituiu-mo!

(Ao som de uma música religiosa, devagar).

CAI O PANO

NATAL divino.

A Virgem Mãe aconchega ao seio o seu filhinho. S. José descansa das fadigas dum dia de caminhada e de inquietação. Pode, agora, dormir, sonhando o sonho lindo que se tornou realidade: o Verbo fez-se carne! Os Anjos embalam com música e cânticos Aquele que desceu dos céus. Os animais contemplam admirados o Criador que quiz ser criatura. A lua espreita — o que jàmais viu! E na fogueira humilde dir-se-ia que arde o primeiro fôgo do imenso incêndio de amor que o Salvador trouxe à Terra, desejando abrazá-la tôda.

Natal do Menino Deus! Por todo o universo o céu destila mel. A paz de Deus aos homens de boa vontade tem uma doçura infinita...

DOIS NATAIS

NATAL humano.

Sempre que nasce um menino é Natal! E sempre a mãe é mãe! Quer seja a Virgem Imaculada, ou uma pobre mulher pecadora, o gesto é o mesmo ao dar o seio ao filho!

Também neste "natal" reina a alegria: que um menino é sempre um dom de Deus. O pai e os irmãos festejam a seu modo o regosijo dos Anjos em Belém. Os animais também não faltam, que no lar dos pobres êles fazem parte da família... Na fogueira o fôgo arde vivo e alegre em chamas que aquecem a noite fria e fazem ferver a panela. E até a lua espreita, sem se aborrecer nunca desta cêna de todos os dias.

Natal de Deus ou natal dos homens, é sempre a mesma festa de graça e ternura.

"VENITE, ADOREMUS"

Os dias desde o princípio do mês sucediam-se com o mesmo aspecto. Estava o céu pardo, chovia às vezes, o frio era penetrante e tôda a Natureza parecia morta. Quem acreditaria em meados de Dezembro que daí a meses chegava a Primavera? Nós, pequenos, acreditavamos, se nos dissessem. Vivíamos nêsse estado de espírito venturoso em que, quanto mais maravilhosa é a história contada, mais acreditável é. Pois se até tinhamoa a certeza de ser o Natal daí a dias, e irmos ver, oh! Maravilha! um Presépio vivo. Sim, *vivo*. Na abogoaria dos bois já estavamos a preparar tudo com a mãe. Nunca ninguém naquela região tinha pensado naquilo... Só a nossa mãe podia imaginar coisas assim, tão fora do vulgar e tão bonitas. É que ela tinha estado a ler muitos livros e histórias sôbre S. Francisco de Assis e contava-nos as passagens mais interessantes e ao nosso alcance. Um dia contou-nos que o Santo tinha feito, num Natal muito distante da Idade Média, um presépio com figuras verdadeiras; um burro, um boi, etc. — «Oh! Mãe que bonito, que bom se tivéssemos visto...»

— «E que diriam vocês se nós também fizessemos um assim cá na quinta?» — «Oh! querida! querida! que idéia maravilhosa». « — Então vamos já preguntar ao Pai se pode ser».

Lá fomos radiantes atraz da mãe, os mais pequeninos repetindo «Oh! quida, quida! que bom!» O Pai dissera que sim, daria tôdas as ordens necessárias. E agora já se combinara tudo. Estava-se a fazer uma Túnica branca e umas azas para o Joãosinho se vestir de anjo. Êle era incontestàvelmente o mais bonito da irmandade; com os seus cabelos loiros, encaracolados e grandes olhos castanhos.

Além das figuras principais, tinha que haver pastores, cordeiros e presentes de pombos e ovos para o Menino Jesus. Oh! tanta, tanta coisa... — As primas (mais velhas do que nós) ensaiavam cânticos ao órgão, com as criadas e raparigas do campo.

Havia na casa tôda, na quinta e arredores uma espectativa feliz do grande acontecimento. Ia-se comemorar o nascimento do Nosso Salvador e desta vez seria tão real que os corações emocionavam-se só com a idéia.

No entanto os dias continuavam pardos, chovia às vezes e o frio era penetrante.

. . . .

A véspera de Natal amanhecera radiosa.

O céu era azul e embora o frio apertasse todos estimavamos que assim fôsse.

Quem viesse de longe ver o Presépio não chegaria molhado.

O Pai mandara retirar os bois de um dos lados da abogoaria. A' noite iam ruminar para o coberto dos carros. Já se transportara o harmonium para o canto onde ficariam os cantores e já tinha chegado o Menino Jesus, do tamanho duma criança, que a Misericórdia de Tomar nos emprestara, para a ocasião. Tinhamos pensado que podia não dar bem o Menino ser verdadeiro. Podia chorar, gritar e até sujar as palhinhas... não seria bastante respeitoso. Portanto seria tudo vivo menos o Festejado. Êsse viveria nos nossos corações.

Passou o dia e chegou, até que enfim!, a noite. Estava tudo preparado. Viviamos longe de aldeias, no dia seguinte teríamos missa na Capela, mas agora iamos comemorar sós com creados e família a hora solene em que Jesus desceu ao mundo.

Era quási meia noite. O Pai ofereceu o braço á avó. A Mãe deu a mão aos filhos mais pequeninos e os mais velhos pegaram em lanternas para alumiar o caminho. Sentia-se na escuridão outras pessoas a caminhar.

O trajecto era curto, iamos a chegar. As portas estavam abertas, música harmoniosa chegava aos nossos ouvidos. Entramos e, apesar de termos ajudado a arranjar tudo, ficamos deslumbrados! O Pai e a Mãe tinham acrescentado algumas surpresas. A mais espantosa era que, no fundo do Presépio, uma janelinha aberta deixava ver na noite escura, uma estrêla enorme a brilhar. A Estrêla! A Estrêla de Belém estava a brilhar na nossa quinta... Como teria sido aquilo?

Ajoelhámos todos; atraz de nós os boieiros, porqueiros, trabalhadores, jardineiro, cocheiro e feitor com suas famílias, ajoelharam também. As vozes, ao órgão, começaram a cantar:

«Entrai pastores, entrai...»

e todos continuavam. Não podia ser mais próprio, eram mesmo êles que iam a entrar!

Mas que lindo estava o Presépio! O Menino, na mangedoura, estendia os bracinhos à humanidade. Nossa Senhora olhava enternecida para Êle, a vaca e o burro o olhavam também espantados para tudo e os pastorinhos, ajoelhados, com o carapuço no ombro e as mãos postas, tinham deposto aos pés de Jesus as suas oferendas. (Tão lindinhas!) Cordeirinhos, cabritos, um cêsto com ovos, rôlas e pombos.

Levantamo-nos. Os cânticos continuavam. Agora era o «Adesti Fideis». Mas nisto que vemos nós!, pela escada do palheiro (que estava cheia de palha para não se verem os degraus) descia um anjo... Tão solene, tão cheio de compunção, que exitámos, seria o Joãozinho? Ninguém o acreditava. Êle era bonito, mas não parecia assim sobrenatural! Mas de repente ouviu-se o roçar de umas azas. Uma pomba branca levantara vôo e viera pousar na cabeça loira do anjo. Mas como êle continuava imperturbável a descer, a pomba para se equilibrar abria as asas. O efeito era lindo, parecia que o Espírito Santo tinha descido sôbre êle.

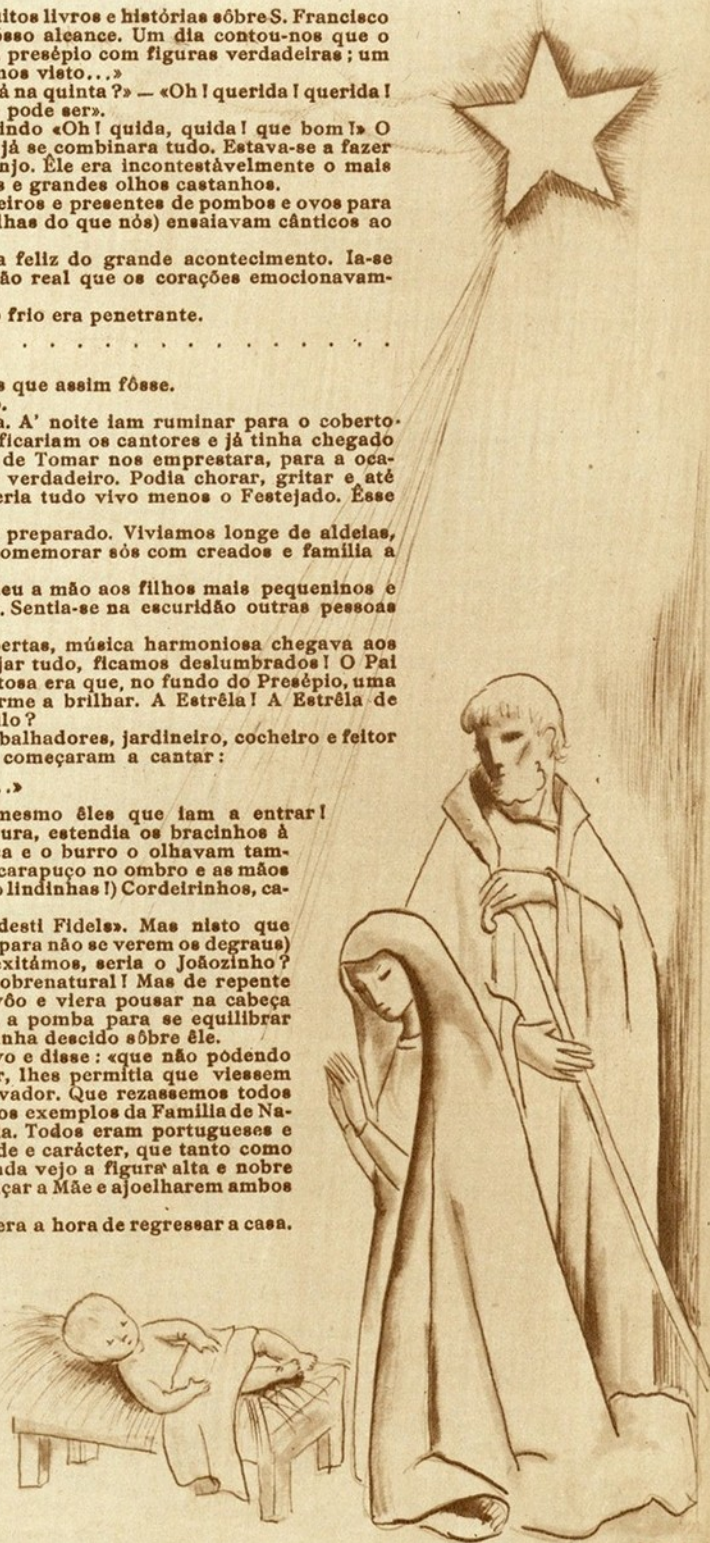
O Pai então colocou-se junto do Presépio, virado para o povo e disse: «que não podendo o senhor Prior estar ali àquela hora para dar o Menino a beijar, lhes permitia que viessem perto da mangedoura ajoelhar e beijar o pésinho do Divino Salvador. Que rezassemos todos antes pela nossa Pátria e para que seguissemos sempre os santos exemplos da Família de Nazareth. Ali naquela quinta a todos considerava da sua família. Todos eram portugueses e cristãos, todos estimava, a todos respeitava pela sua honestidade e carácter, que tanto como para os seus pedia a Deus que os protegesse e abençoasse.» Ainda vejo a figura alta e nobre de meu Pai ao lado do Presépio. Vejo também êle chamar e abraçar a Mãe e ajoelharem ambos assim aos pés de Jesus.

O Anjo ia dando imagens a todos. A música continuava, já era a hora de regressar a casa. Mas não era possível que amanhã já estivesse tudo acabado!

Não podia ser, ainda havia tanta gente das redondezas que gostava de ver!

Pediu-se à Mãe e ela disse que sim. Amanhã depois da missa tornava-se a armar o Presépio. Podiam todos vir. E no dia de Natal depois de, na Capela, termos ouvido a Santa Missa e termos dado e recebido as Bôas Festas, o senhor Prior dirigiu-se paramentado para a abogoaria e ao som dos cânticos, que faziam vibrar lentamente as cabeças dos bois, de grandes olhos pensativos, deu o Menino a beijar. Filas e filas de povo, ajoelhavam devotas aos pés da mongedoura; e durante muito tempo ouviu-se a voz suave do nosso Prior a dizer:

«Jesu natu este — Venite adoremus»

Francisca de Assis

Texto de:
Irene Lima Mendes
Ilustrações de:
Maria Margarida
Filiadas da M. P. F.
Centro 3 — Extremadura

O Bago de Arroz

Já sou velho e nasci longe, muito longe, no Oriente distante. Contudo não ando vestido com cabaia de sêda amarela, nem uso um rabicho brilhante que me caia pelas costas. Não, sou apenas branco e roliço como os meus irmãos, sou apenas um bago de arroz!

Acho o meu nome muito engraçado. A minha mãi, uma planta verde e rasteirinha, disse-me, quando era pequenino, que assim me tinha baptizado na água limosa onde viviamos e um nenúfar rosado nosso vizinho e amigo!

Quando nasci, fiquei maravilhado com o Sol alegre e o céu azul que nos rodeavam. Quási ceguei com tamanho esplendor!

Tinha feito uma longa viagem debaixo da terra escura onde ficára sepultado o meu defunto pai: outro bago de arroz de que seria o retrato, quando me tornasse homem.

Fui crescendo, crescendo e modificando-me, mas os dias corriam todos iguais.

Passava-os a ver os vôos largos das cegonhas que muitas vezes desciam até água, caçavam um peixito descuidado e retomavam o vôo triunfante no firmamento; também gostava das borboletas aristocratas que adejavam à nossa volta, mas nunca nos falavam. Não as invejava porque tinha ouvido contar à brisa da tarde que muitas morriam queimadas quando se queriam aproximar dos balões multicolores que brilhavam, lá longe, nas lojas da cidade.

Para mim o melhor bocadinho do dia era a noite, ora clara e linda, ora escura e misteriosa. A lua e o vento costumavam contar-nos histórias fabulosas de dragões e gueishas frágeis. Como gostava de ouvir-te, oh vento do Oriente, me contarás histórias de dragões!...

A viagem foi longa, mas um dia houve o rolar pesado da âncora que saltou vivamente na água oleosa do cais. Onde iria parar? Qual seria o meu destino?

Com certeza já não morreria apertado no meio de dois pauzinhos que caminhariam rápidos duma tigela de porcelana para uma bôca voraz...

Senti que passava do barco para outro mais pequeno e que vogava rápido rio abaixo. O ar cheirava bem: um vago perfume de sal e de pinheiro, como soube depois, chegava até mim e fazia-me criar alma nova para enfrentar corajosamente a adversidade.

Para o norte novamente viajei de carro, caindo ora para um lado, ora para o outro. Senti-me comovido ao lembrar-me que também fôra assim que me tinham levado da Pátria querida que nunca esquecerei.

A jornada foi curta e quando no outro dia acordei rendi graças a Buda que tão bela sorte me dera. A minha nova Pátria era linda e até no seu nome ressoavam harmonias de boas vindas: Portugal!...

Por tôda a parte valados de relva esperançosa semeada de malmequeres brancos onde pastavam vacas malhadas; correntes invisíveis

que enchiam o ar de murmúrios de ternura; sebes nodosas entretecidas de madressilva; céu azul riscado não por cegonhas mas por passarinhos negros chamados andorinhas; por tôda a parte, amor, paz, alegria!...

Bendita terra esta! Buda te abençoe.

Estava feliz e os dias cada vez mais belos e venturosos. Também aqui o vento e a lua — seriam os mesmos? — nos contavam maravilhosas histórias; mas agora não eram de dragões nem de gueishas, mas de cavaleiros valentes e esforçados e de misteriosas mouras encantadas que só aparecem quando o dia muda de nome na noite de S. João por entre vasos de mangericos onde vermelham cravos de papel.

(Continuação da página 9)

FRA BAMBINO

tou ao responder: «Animo, amigo, Cristo nasceu para que vivamos eternamente.»

Quando cheguei ao hotel, Maria esperava-me calma e sorridente, como sempre. Mas, no seu olhar havia uma luz nova, como a que aureolava o rosto de Fra Bambino, luz que não é dêste mundo e que reflete a eternidade.

Tive, então, a certeza de a perder.

Mas, ao mesmo tempo, uma esperança dulcíssima me encheu o coração. Foi a minha graça de Natal, graça de paz, de suavidade, de resignação, graça que desde então nunca mais me abandonou.

O' mistério do Natal! Mistério de luz, mistério de alegria, mistério de vida! Se todos te aprofundassem, haveria certamente menos dor e menos amargura nêste mundo...

* * *

Termina assim a história de Fra Bambino, como a escreveu meu avô.

Mistério de luz, mistério de alegria, mistério de vida... Procura conhecê-lo melhor, leitora amiga, e dá-lo a conhecer aos outros, para que seja maior e mais fecunda a graça do teu Natal.

tava de ouvi-las, muito chegadinho aos manos e embalado pelo doce ondular da água pantanosa onde de espaço a espaço se espelhava o céu de prata e arminho!...

O dono do nosso campo era rico, acho mesmo que muito rico, e tinha tantos servos, tantos, que nunca os conheci bem apesar de os ver quási todos os dias. Havia uma garota que preferia e ainda hoje me parece que nunca a deixei, tão bem me recordo dela: os cabelos negros e brilhantes, os olhos oblíquos, a bôca madura e pés grandes. Antigamente, segundo me disse o vento, as chinesas tinham os pés deformados e muitas nem podiam andar.

Como os fariam assim? Nunca o soube porque o meu amigo calava-se, quando lho preguntava, e deixava-me para ir conversar com as cerejeiras em flor.

A minha infância passou-se e no devido tempo colheram-me, trataram-me e transformaram-me no corpo branco e roliço que sou hoje.

Um dia meteram-me num grande saco escuro e separado do resto da família lá fui a caminho da cidade sacudido pelos solavancos dum carro. Tive muita pena de deixar os campos onde nascera e pensei que nunca mais os veria nem cobertos com a colza amarela nem ondulantes de trigo verde.

Chegámos de noite à cidade. Espreitei pelas fibras do saco e consegui ver alguns dos balões de que me falara a brisa. Eram bonitos mas gostava mais dos que a minha chinesita costumava fazer; não tinham tanto brilho, mas tinham outro encanto: a amizade e sobretudo a saüdade do lar perdido.

Partimos numa manhã nebulosa e nem sequer me foi permitido receber uma última impressão do céu retintamente azul da Pátria! Levaram-nos para um buraco escuro, grande e bafiento a que chamavam porão.

A minha terra! Nunca mais a vi: desapareceu ao longe, cinzenta primeiro, azul depois e lilaz em seguida. Nunca mais,

E o tempo corria! Caíram as fôlhas às árvores e vieram as chuvas, os caminhos alagaram-se, encheram-se de lama onde se enterravam gemedores carros de bois.

Mas a minha nova Pátria continuava bela e quando nevou pela primeira vez ficou tão branquinha, tão branquinha que pensei que tivessem florido as cerejeiras e começassem as festas em seu triunfo.

Chegou o último mês do ano e ouvi dizer que era o Natal. Seria alguma festa? Sim, era uma festa em honra do filho de Deus que nascia.

Sabia que Êle tinha visto a luz das estrêlas num estábulo humilde, como foi a sua vida, que os sinos haviam tocado de alegria e que grandes reis e pastores o adoraram e lhe ofereceram os seus presentes. Na escola da aldeia contaram esta história a mais bela de tôdas, e ela fôra levada pelo vento até nós e assim soube que houve Alguém vindo ao Mundo para nos salvar e morto por nosso amor.

Um dia levaram-nos para nova casa e disseram que nos iam fazer em arroz dôce. Não percebi nada e não tive tempo para reflectir, nem para consultar alguém mais competente do que eu, pois meteram-nos num vaso com água que aqueceu tanto que fiquei cozido. Como frio que estava não foi desagradável...

Quando me olhei de novo, achei-me tão diferente que mal me conheci: estava envolto numa capa amarela como a colza, e coberto por um pó castanho que me fazia espirrar; queria mexer-me e não podia; experimentei falar mas uma golfada do tal ouro líquido engasgou-me.

Era doce e bom!

Mas estava-nos reservada uma bela surpresa: ao olhar em volta vi uma grande barriga pintada: pertencia a um lindo bule e oh coisa maravilhosa trazia desenhadas estampas da minha terra. Sim não me enganava: lá estavam os campos onde nascera, as grandes cegonhas e chinesinhas mimosas em pontes frágeis vendo o voltear rápido dos peixinhos vermelhos na água transparente.

Deus é bom e levando-me a contemplar de novo a Pátria encheu a minha alma nómada de grande consolação.

Lá fora a neve cai branca e silenciosa...

Como o povo canta o Natal

O Menino já nasceu,
Os pastores estão dormindo.
Acordai, rudes pastores,
Vinde adorar o bemvindo!

Entrai, pastores, entrai
Por êsse portal adentro,
Vinde ver o Deus Menino
No seu santo nascimento!

Adorando o Deus Menino
Lá estão os pastorinhos,
Com a fé no coração,
E nas mãos os cordeirinhos.

O Menino está nascido
Lá dentro da lapa fria;
São João o agasalha
Com o manto de Maria.

O' meu Menino Jesus,
Vestido de azul celeste,
Eu quero aprender a ler,
Haveis de ser o meu mestre!

O' meu Menino Jesus,
O' meu lindo amor perfeito,
Se vós tendes muito frio,
Vinde cá para o meu peito!

CONSOADA

É costume agradável entre nós passar-se a noite da véspera do Natal em família.

A's vezes, algumas famílias reünem-se para passar o serão juntas até à hora de ir à missa da meia-noite, mais usualmente chamada missa do Galo.

Quer na cidade, quer no campo, a Mãe, zeladora e pilar da família, esforça-se por dar um ar festivo à casa, afim de não deixar passar vulgarmente a noite da consoada.

* * *

Mesmo quando em pequena ficava em casa, nunca ouvi soar as badaladas da meia-noite sem sentir descer em mim uma grande comoção e um frémito misterioso como se da grandeza do acto comemorado se desprendesse alguma coisa mística e sagrada que me deixava sempre maravilhada e grata.

Creio que tôdas as raparigas têm sentido como eu a santidade adorável desta noite, e que sentem comigo que prodigiosa diferença faz a noite de Natal de tôdas as outras noites.

Mas acontece, quando se não pode ir à missa, (ou mesmo indo) as horas que vão do jantar à meia-noite passam lentas e arrastadas.

Como é dia de festa reina sempre grande excitação; razão por que todos deixaram as suas habituais ocupações, e no fim de algum tempo acontece que as crianças sonolentas e os velhos cansados começam a cabecear.

E' às meninas da família que compete organizar o serão de modo distractivo e ajudar a Mãe e a Avó a receber e entreter as visitas, a alindar a casa e a preparar a ceia, de forma que a noite da consoada seja sempre recordada com ternura e encanto.

Lembramos algumas idéias que seguramente poreis em prática na medida das vossas posses e adaptadas aos vossos meios.

* * *

Confôrto — Tanto quanto possível tornai a casa confortável e alegre. As que vivem na província, no campo, têm sôbre as outras muitas vantagens. Farão um belo lume com pinhas sêcas ou boiça, e um belo tóro de pinho ou de azinho.

Na cidade, aonde tanta gente vive desdenhosa do campo, poucos sabem o encanto de uma consoada passada ao canto da lareira.

O atractivo do lume é enorme!... Todos, velhos e novos, com os olhos fitos na chama, vão conversando e rindo ao calor amigo da lareira; e as horas passam correndo, sem se dar por isso.

Mas no caso de não haver «lar», como sucede nas habitações das cidades, procuremos ter algum aquecimento para tornar a casa confortável. A braseira, (ainda um hábito da província) tem sido o grande sucesso, dada a escassez de petróleo.

Nas braseiras só se pode usar brasas de madeira ou de carvão «Picão» (carvão que não desenvolve ácido carbónico). Algumas pessoas inconscientes ou ignorantes usam aquecer a casa com brasas de carvão de Sôbro, e isso tem ocasionado envenenamentos por vezes irremediáveis. Portanto é bom anotar que o único carvão a usar para aquecimento sem chaminé é o carvão «Picão».

Agora passemos ao embelezamento da casa.

Quási ninguém pode comprar flôres caras e raras em Dezembro, mas graças a Deus, há muito mais com que adornar o nosso lar. Por exemplo:

As pinhas — Apanham-se já abertas e antes das chuvas, e guardam-se para o Natal. Simplesmente guarnecidas com bagas encarnadas no lugar dos pinhões fazem um lindo efeito alegre e pitoresco. Podem-se depois agrupar ou pôr em cordões sôbre a mesa, compostas com um pouco de rama verde.

Abertas e sêcas envernizam-se as pinhas com verniz simples (usádo para madeira e comprado a pêso na Drogaria). Põe-se o verniz com uma pincelêta e deixa-se secar. Prendem-se as pinhas com arame fino às hastes de pinheiro na véspera do Natal para que a rama esteja verde e fresca; arma-se o centro da mesa e enfeitam-se a chaminé e mesas da sala etc. Com um pouco de pó de prata diluido em óleo e secante dão-se umas pinceladas leves aqui e ali na rama verde. Fica lindo! Com estas pinhas e rama fazem-se muitas e variadas ornamentações. Por exemplo:

Com arame forte arme um arco bem redondo que fixará a uma tábua sólida. A êsse arame prenda com arame fino, rama de pinheiro, de maneira a formar uma grinalda; depois de pronta, prenda as pinhas pintadas de vários tons de doirados e cobre na rama verde. A base da madeira ficará escondida em papel de prata, ou na rama. No cimo, um pouco ao lado, prenda um laçarote de papel «selofan» vermelho vivo. Esta grinalda fará um efeito surpreendente.

Podem-se fazer festões e grinaldas para ornamentar as cimalhas das portas, as paredes, os fogões, etc. As pinhas também ficam lindas pintadas com tinta a esmalte encarnado. Estas decorações têm a vantagem de durarem todo o tempo das festas, e a originalidade e cunho pessoal que cada um lhes pode dar.

Bugalhos — Da mesma maneira poderemos fazer grinaldas, festões e centros com aquêle mato rasteiro de fôlha rija, as carvalhiças, que tem por bagas uns bugalhos duros. Pintam-se da mesma maneira. Faremos um lindo centro de mesa pintando ou envernizando um velho cêsto; enchendo êste de hastes com bugalhos, que se derramam e alongam sôbre a mesa. Combina-se a côr do cêsto com a dos bugalhos. Alguns candeeiros de ferro forjado prestam-se para que se pendurem hastes de bugalhos. Não se calcula sem vêr o lindo efeito que se obtem.

As piment iras — Em muitos jardins de Lisboa e arredores há Pimenteiras. Lembro o lindo efeito que se pode obter com a delicada fôlha verde e os cachos de baguinhas vermelhas.

Pendurados nos candeeiros ficam lindos, mas nas jarras dão muito trabalho a arranjar pois são pesados e precisamos fazer-lhes um esteio com umas varinhas, ou atá-las, por vezes, com guita para adquirir um efeito decorativo.

Pintados os cachinhos de doirado e armados em pratos de vidro, ou em fruteiras baixas ficam também lindos e mais ricos de aparência.

«Selo'an» — Com êste papel fazem-se fitas, laços e até flôres, com as quais se decoram e ornamentam a toalha e a folhagem ou ramas verdes. A côr vermelha e rosa são as mais bonitas e as que dão melhor efeito.

Urses — No campo poderemos empregá-las brancas ou rosadas para ornar a casa, a mêsa e o altar.

As urses apesar de modestas fazem um efeito rico nas casas das cidades, e deitam um cheiro a mato que nos faz lembrar as charnecas e o campo. As urses brancas, em abundância, com fitas de «selofan» côr de rosa ficam lindas e festivas. Precisamos de um pouco de arte e gôsto para dispôr as fitas.

As vel s — Sempre é mais bonito, festivo e intimo a iluminação a velas. Para uma mêsa ou uma sala ornamentada com urses e fitas de «selofan», experimente pôr velas da côr das fitas. Acenda-as e apague a electricidade na altura em que a canja servida espera nos pratos os convivas, e ouvirá o «Ah!» encantado da sua família; não impede que depois da sôpa se abra a luz eléctrica de novo, o que tornará imediatamente a ceia mais ruïdosa e alegre.

As f utas — Com frutas de tôda a espècie (quanto mais variadas melhores) podem-se obter centros de mêsa lindos, mas saiem muito caros, pois temos que escolher frutas perfeitas.

Lustre com um pano limpo as frutas antes de as dispôr num tabuleiro, prato ou cêsto. Enfeite com umas folhinhas de era ou qualquer fôlha verde escura, o que dá grande realse aos frutos.

O Presépio — Lembro que lindo ficaria o presépio armado sôbre a mêsa da ceia, com tôdas as suas ingénuas e cândidas figurinhas de barro.

* * *

Depois do arranjo da casa e da mêsa em particular, passaremos a falar da **ceia.** Em Portugal é costume haver perú nas festas do Natal e Ano Bom. Na velha ceia à portuguesa compete haver canja e perú assado. Brôas, passas de figo e nozes, e a variadíssima doçaria em que cada província é representada. No entanto os costumes variam de terra para terra. Em França o bicho da prache é o ganso e na Alemanha era o ganso recheado de castanhas e acompanhado de geleia de maçã.

No norte de Portugal não há ceia de Natal sem bacalhau cosido com couves, ou assado depois de bem remolhado.

No Alentejo come-se carne de pôrco assada; lombo, e aqueles famosos entrecôstos ainda frêscos das primeiras matanças.

Devido às dificuldades que atravessamos a nossa ceia dêste ano será o que puder ser e disso daremos graças a Deus. Numa época em que mais de metade da Europa morre de fome faremos uma ceia segundo as possibilidades que tivermos.

* * *

Agora tratemos dos **jogos** para entreter o tempo e passá-lo agradavelmente.

Lembramos charadas, paciências, jogos de cartas e adivinhas. Mas êstes todos conhecem: outros há.

Prepare com tempo várias folhas de papel cortadas às tiras da largura de 5, umas, e 10 centimetros outras, para os vários jogos, e tantos lápis quantas as pessoas.

Concurso geográfico — Cada pessoa com seu papel e lápis deve estar a postos. Marque alguém a hora num relógio. — 1, 2, 3!!! Começa o jôgo! Tôdas escrevem de memória os nomes de cidades (ou cidades e vilas, ou simplesmente nomes de terras para ser mais fácil) a começar pela letra L, por exemplo.

Leopoldeville, Lisboa, Leiria, Lausane, Lagos, Leão, Londres, Luxemburgo, Lourenço Marques, etc.

Ganha quem em 5 minutos escrever maior quantidades de nomes. E' um belo exercício de memória, muito interessante e divertido. Se quer ganhar concentre o espírito e esteja calma.

* * *

Jôgo dos disparates — Há dois: O 1.º é assim: Tôdas sentadas em volta da mesa. Uma começa e diz ao ouvido da outra uma palavra, por exemplo: *telefone*, ou *falcatrua*, ou *cadeira de baloiço*. A palavra vai correndo de ouvido a ouvido e quando chega à última pessoa ela di-la de rijo e a que começou o jôgo diz em voz alta como era a palavra em princípio. A palavra durante o trajecto deforma-se e dá origem aos maiores disparates que são fontes de riso. Também se joga dizendo uma frase curta como por exemplo: *Não uso luvas* o que pode chegar ao ponto de origem da seguinte forma: *Não vi pulgas.*

2.º jôgo dos disparates — Cada qual com seu papel e seu lápis dispõe-se a escrever uma história breve. Os outros não podem ver o que cada um escreve.

Uma pessoa dá as regras do jôgo e diz: — «*Ela*» e tôdas escrevem um nome de mulher. (Ex.: Lúcia, ou Sr.ª Fulana). «*Muda!*» e tôdas trocam o papel (da esquerda para a direita) depois de o haver dobrado para que se não possa ler o que está escrito. «*Ele*» e escrevem um nome de homem (Ex.: Balbino, ou o Sr. Fulano). «*Muda*» e trocam de novo os papéis sempre da esquerda para a direita depois de os haverem dobrado. «*Encontraram-se...*» escrevem: Encontraram-se em Cacilhas pescando ostras à beira do rio (ou outra qualquer coisa. «*Muda*» mudam. «*Êle disse*» escrevem: Êle disse-lhe: cuidado não se afogue! (ou outra qualquer coisa, segundo a idéia de cada um, e a história que cada um arquitectou). «*Muda*» — trocam os papéis «*Ela disse...*» Escrevem: — Ela disse-lhe: — até me sabia bem. «*Muda*» — mudam os papéis sempre para o mesmo lado. «*Conclusão*» — Escrevem: Resolveram os 2 tomar banho, mas como estava frio constiparam-se (ou outra qualquer coisa).

Como se vê por êste exemplo cada um escreve uma história simples mais ou menos fantasista e engraçada, conforme a sua capacidade. Mas o que aqui faz o grande disparate é que o papel muda de dono ao fim de cada frase de maneira que nós escrevemos uma fase da nossa história em cada papel. No fim desdobram-se os papéis e lêem-se em voz alta.

Poderá alguém fazer uma pequena ideia àcerca dos engraçadíssimos disparates que cada história encerra?

Palavras rimadas — Num papel cada qual escreve 4 palavras que formarão 2 rimas de uma quadra. Quando todos têem escrito as rimas de sua invenção dobram-se os papéis e misturam-se bem. Depois cada um tira um para si e completa cada frase de forma a dar sentido ao verso. Exemplo com as seguintes rimas:

formosa
vitória
vaidosa
glória

poderá um jogador fazer a seguinte rima:

Eu bem sei que és formosa
O' minha querida Vitória
Mas não sejas tão vaidosa
E disso não tires glória.

Como se vê pelo exemplo muitos versos diferentes se podem fazer com quaisquer rimas, depende da habilidade do poeta o da sua inspiração. Outra forma de jogar êste jôgo, e não a menos interessante, é ditar a todos os concorrentes as mesmas rimas. Por exemplo: **amor, inspiração, fulgôr, adoração,** para que cada um faça um verso à sua maneira que depois se confrontará com os outros. Em 1900 estas rimas, numa reünião de raparigas, deram entre outras as seguintes quadras, cada uma de autoria diferente:

Do meu lindo amor
Me vem a inspiração,
Dos seus olhos o fulgor
Me traz em adoração.

Oh! meu tão lindo amor
Tu dás-me inspiração
E o teu olhar cheio de fulgor
Enleva-me em adoração.

O meu intimo amor
No auge da inspiração
Quási atinge o fulgor
Duma louca adoração.

Quando me falam de amor
Com furiosa inspiração,
Escarneço o fulgor
Duma irrisória adoração.

O tempo dado aos poetas é contado: 15 minutos. Êste velho jôgo é sempre agradável e duma forma geral os mais velhos e os mais novos são os que fazem melhores versos. Alguns fazem-nos humorísticos, outros trágicos, banais, estúpidos ou grotescos. Experimente e verá como é divertido.

Maria Benedita

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO — Desenhos de Guida Ottolini

GENTE NOVA

VI

Francisca Teresa acordara cedo naquela manhã de Dezembro; embora na véspera se tivesse deitado tardíssimo. Tinham ido ao S. Luís ver o novo filme americano e se bem que não havia nêle cenas chocantes, Francisca Tereza trouxera aquela impressão vaga e desconsoladora que deixa na alma um mau espectáculo, ou uma má leitura...

As amigas tôdas estavam entusiasmadas.

— E' estupenda a fita, não achas, Tètè? — preguntou uma.

— Não pode haver duas opiniões a êsse respeito — concluiu outra.

— Afinal é do melhor que cá tem vindo — disse a própria Manuela que, muito cansada naquela noite, não dera atenção minuciosa ao enrêdo; e só às decorações, à elegância, à cor...

— Pois eu nem por isso gostei, tenham paciência — declarou Francisca Teresa — Todo aquêle final, em que aparentam felicidade, é baseado em vidas irregulares e exquisitas!

— O que ela foi buscar! — gritou Domingas.

— Quem se lembra dessas ninharias? — opinou a Chucha.

— Ninharias! — tornou Francisca Tereza — Reparem bem no que eu digo, meninas. Os dois que se adoram, e no fim ficam a viver radiantes, eram ambos casadas com outras pessoas; e êle até tinha filhos. A mulher péssima, a intrigante, mata-se...

— E faz muito bem — declarou uma.

— Os pais da menina ajudam a que ela se separe do verdadeiro marido...

— Que era uma peste! — gritou outra.

— ...Mas que era o marido — continuou Francisca Tereza.

— Já vêem vocês que o filme, pensando bem, não tem nada que se aproveite! E' uma série de imoralidades.

— Que exagêro, Tètè! E' pena que se registem os dois, isso é; mas, naquela situação, que fazer? E' a vida — disse a Chucha, convencida.

Nesta linda manhã de inverno, acordada, Francisca Teresa pensava nas múltiplas coisas que enchiam a sua vida. Pensava no Rodrigo, êsse encantador rapaz que a adorava, ela bem sabia, mas por quem não sentia amor... Era inteligente, honesto, bonito, bom; tudo isso ela reconhecia. Quanto maior interêsse lhe inspirava o elegante José Paulo, com o seu olhar dominador e enérgico, e que adoptara como divisa:

«Quò non ascendam?»

José Paulo nunca lhe dissera nada que se relacionasse com projectos de casamento; nunca, sequer, lhe dissera palavras ternas... Mas que prazer era para ela vê-lo, conversar com êle, dançar ao

CHÁ DA COSTURA

— O Natal não é só o dia 25 de Dezembro: é tôda esta quinzena de alegria espiritual! — declarou Maria José, com sincera convicção.

— Eu gostava que o Natal fôsse a festa de *todos* sabem vocês? de todos, de todos, sem excepção! — disse Clara melancólica.

— Dizes isso num tom, Clara, que é a negação da alegria! — observou Joana, admirada.

Clara respondeu-lhe:

— Pois acertaste, Jana; é com tristeza, e muita, que eu digo isto!...

— ?!!

— Sim, filha, sabes porquê? Porque para o Natal ser o que deve ser, era preciso que em tôdas as casas, e nas mais pobrezinhas, nada faltasse... Já vês que me faz pena não poder conseguir, para todos, o bem-estar, a fartura, a alegria...

— Ouve, Clara — lembrou Maria José — sabemos bem que pouco podemos fazer *materialmente*; e aqui também muito importa essa parte material. No entanto, talvez pudessemos juntar-nos tôdas (e dizer o mesmo às raparigas dos outros *chás da costura*) e cingir-nos, por exemplo, a algumas ruas da frèguezia, tratando de proporcionar um Natal alegre aos pobres dessa ruas; que dizem vocês?

— Há uma coisa mais simples, talvez — respondeu Rita — E' pensar... nos pátios! Nesses pátios miseráveis e cheìnhos de crianças!

Joana entusiasmou-se:

— Essa idéia é estupenda, Rita; vamos dedicar-nos a um dos pátios dar-lhes coisas, arranjar um Presépio...

— A idéia é deveras boa; mas é preciso proceder com *ordem* para que se faça alguma coisa de útil. Dá cá um papel, Zé, vamos assentar o que há a fazer. — E Clara, com a sua pena, começou a escrever o programa dos trabalhos a fazer e das coisas a arranjar.

— Temos de saber quantas familias habitam o pátio escolhido; quantas crianças há nessas familias; e as idades delas.

— Eu arranjo o pão para o jantar do Natal — declarou Joana, com calor — Dou para isso as minhas economias... e com gôsto — acrescentou.

— Pela minha parte vou vêr se arranjo bôlos de arroz para a sobremesa.

— Eu não posso entrar em despesas; mas irei, com as primas, preparar as mesas e os Presèpios.

— Tratarei de angariar um dinheirinho para se comprarem algumas galinhas: e lá em casa é que se fará a canja de todos — lembrou Clara, já desanuviada.

— Querem saber o que eu arranjo? — preguntou Alice, contente — Brinquedos para os miúdos!

— E é preciso também não esquecer a fatiota — disse Maria José — Mas essa arranja-se nos Vestiários: eu pensarei nisso.

— E para que consigamos *obra asseada*, tornou Clara — vou propôr-lhes uma coisa. Que um grupo se encarregue da parte espiritual: ir visitar essas familias desde já (a pretexto de lhes preparar um bom Natal), falando-lhes de Jesus, do Seu Nascimento, da Sua festa próxima, da alegria de sermos Cristãos...

— Oh Clara, vai ser óptimo o nosso Natal — disse Maria José, beijando-a — porque havemos de espalhar muita alegria em volta de nós...

— E não só isso, Zé — respondeu Clara, quási com gravidade — havemos, talvez, de fazer compreender a êsses pobrezinhos (tão pobres de tudo coitados...) o que é o sentido do Natal!

— Glória a Deus nas alturas! — cantou Joana.

— E na terra, paz aos homens de boa vontade! — responderam as outras, alegremente.

som do Jazz... Sim, era dêle que Francisca Teresa gostava; e se êle lhe pedisse para casar, ela nem um momento hesitaria. Tudo juntava, o José Paulo! A beleza, a inteligência, a fortuna... Casando com êle, Francisca Tereza poderia, decerto, dar largas às suas ambições sociais; fundar uma Obra de Assistência, por exemplo, ideal êsse, que sempre acalentará... Como José Paulo devia compreendê-la bem...

Com tão alegres pensamentos, vestiu-se depressa. Tinha de ir ao curso d'Economia Doméstica antes do almôço, pois começavam as férias do Natal e a lição ia ser longa hoje. Logo a seguir, iria à sua costureira provar um vestido de noite, que queria estrear antes do Ano Bom.

Ainda perto de casa encontrou um rancho de crianças, sujas e miseráveis, que chamaram alegremente pelo seu nome:

— Menina Tété! Menina Tété!

Afagou-as, falou-lhes, ralhou pelas carinhas nojentas. E notando as bochechas estranhamente còradas da pequenina Orlanda, de cinco anos, ouviu o irmão de três anos apontar para a irmãzita e declarar:

— Tem a cara pintada com «batôn»! — E o rancho aplaudia, rindo, batendo as palmas.

— Minha porquinha — ralhou Francisca Tereza — Vai já ao chafariz lavar essa cara, ouviste?

Êste simples incidente mais a fazia pensar no que, tantas vezes, lhe dizia o avô:

— O povo tem sempre os olhos nas classes educadas; temos muita responsabilidade nas asneiras dêles.

Até a criancinha de cinco anos tentara à imitação das senhoras, pintar a carita, de vermelhão!!

E não surpreendera ela, um dia, a filha da porteira, garôta de seis anos, a derreter papel encarnado numa bacia de água... para pintar as unhas?!

Ia seguindo o seu caminho depressa, como depressa se seguiam os seus pensamentos. Queria pensar no Natal, já tão próximo; mas o seu espírito não parava nesta região espiritual. O Rodrigo... O José Paulo... Agora não queria também pensar no Rodrigo... Era do outro que gostava: porque teimava o Rodrigo em gostar dela? E como se o destino se divertisse a obrigá-la a pensar no Rodrigo, surgiu na sua frente, perto do Curso de Economia Doméstica, o próprio Rodrigo.

— Tété — gritou êle — Ainda bem que te encontrei!

— Como estás, Rodrigo? Então é verdade que te vais embora? — preguntou Francisca Teresa.

— Não é certo ainda; depende... — respondeu êle, grave.

— De quê? — tornou ela, encarando-o.

— ...Não posso dizê-lo aqui, na rua, à pressa, Tété... — disse êle, depois de uma hesitação.

Francisca Teresa olhou o seu relógio no pulso esquerdo; e tornou:

— Podes, sim: ainda tenho cinco minutos antes da minha hora.

Rodrigo olhou-a com uma vaga tristeza, e disse:

— Vou para Africa por duas razões, sabes? Primeiro, tenho lá um trabalho de hidráulica que deve dar-me futuro e talvez, até, fortuna; segundo... prefiro afastar-me de Lisboa, agora. A não ser que...

— Que?... — insistiu Francisca Teresa.

— Que a rapariga de quem gosto me diga para não ir — disse o rapaz, devagar.

— E tu sabes se essa rapariga gosta de ti?

— Não sei...

— Então, Rodrigo, se tu o não sabes é porque... sentes que ela não gosta.

— E' essa a tua opinião, Francisca Teresa?

— Se ela gostasse de ti, já tu o terias sentido, Rodrigo. Se vês que tens em Africa o teu futuro, não penses mais nessa rapariga; não merece que lhe sacrifiques a tua carreira — E Francisca Teresa, bruscamente, apertou-lhe a mão, dizendo:

— Tenho pena que vás para tão longe; somos amigos há tantos anos... Não deixes de ir lá a casa despedir-te, vê lá!

Rodrigo afastou-se, um pouco cabisbaixo.

Depois, em casa, à hora do almôço, Francisca Teresa contou o encontro que tivera, sem aliás, dizer a gravidade das palavras trocadas entre ambos.

— O Rodrigo Paes sempre vai para a Africa — declarou, simplesmente — encontrei-o esta manhã.

A mãe olhou para ela e não disse nada. Mas o avô queria saber detalhes sôbre a partida do rapaz, de quem sempre gostara muito.

— Há por aí uns zun-zuns que tu não és alheia a essa partida, Tété; vocês, às vezes, raparigas, dão um pontapé na felicidade!

— Oh Avôzinho, então uma pessoa há-de casar sem amor? Eu gosto do Rodrigo com amizade de irmão; e não se casa com um irmão.

— Sabes lá se é amor se é amizade, minha tonta; nem sempre êsses dois sentimentos estão tão separados como se julga.

Francisca Teresa abraçou-o, risonha, e tornou:

— São diferentes como o dia da noite, Avô... — e, sorrindo a um sonho que lhe atravessava o espírito, calou-se.

— Tété, já pensaste na festazinha a preparar para o Natal dos garôtos? — preguntou Cecília, entrando com Maria do Céu.

— Natal! Natal, tia Tété! O Menino vem! — gritou a pequenina, sentando-se, carinhosa, no colo de Francisca Teresa.

(Continua)

O' meu menino Jesus,
Nascidinho na pobreza,
Tomai posse da minha alma,
Minha única riqueza!

O' meu Menino Jesus,
Descalcinho pelo chão;
Metei os vossos pèzinhos
Dentro do meu coração.

Cantai, anjos, ao Menino,
Que a Senhora logo vem;
Foi lavar os cueirinhos
A' pocinha de Belém.

Pastor do gado branco,
Não arranques rosmaninho,
Pois é onde a Virgem pura
Estende os cueirinhos.

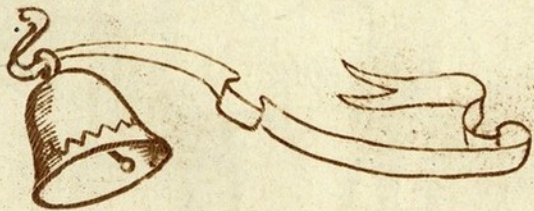
(QUADRAS POPULARES)

A DANÇA DOS PASTORES

(Miniature de um «Livro de horas», Séc. XV)

LOAS E LAPINHAS

O canto e a dança são manifestações naturais e expontâneas da alegria. Por isso, em muitos quadros do nascimento de Jesus — hora de alegria sem par — aparecem anjos a cantar e pastores a dançar.

Em volta do presépio, cantemos e dansemos também nós loas e lapinhas — e o Menino Jesus ha-de sorrir-nos, aceitando com agrado esta homenagem simples do nosso amor.

CANTOS DOS PASTORES

I

Pastorinhas do deserto
E' pois certo
Que na noite de Natal
Num curral
Baixou o filho de Deus
Lá dos Céus!
Quem nos deu tanta alegria?
Foi Maria!
E quem nos deu tanta luz?
Foi Jesus!
Onde nasceu tanto bem?
Em Belém!
Quem de Mãe tem primazia?
E' Maria!
Quem está em palhas de feno?
E' o pequeno!
Quem do pequeno pai é?
E' José!
Quem à graça nos conduz?
E' Jesus!
Quem fez a terra e os Céus?
Foi só Deus!
Cantemos os seus louvores
O' pastores!

(Recolhida no Ribatejo em 1879 por Pedro Fernandes Tomás. Cantava-se por ocasião do Natal).

II

O' meu Menino Jesus
Da lapa do coração,
Dai-me vós alguma coisa,
Que stá pobre o meu surrão.

Ó meu Menino Jesus,
Eu vos venho entregar
Esta linda pomba branca
Para o Menino brincar.

Cheguei aqui a Belém
E venho muito cansado
Oferecer êste cabrito
Ao meu Menino adorado.

(Recolhida por Pedro Fernandes Tomás. Cantava-se na noite de Natal em diferentes povoações da Beira Alta e do litoral)